

MUNDO IMAGINADO

Ensaio

Victor Mota

Título: Mundo Imaginado

Autor: Victor Mota

Editor: Mota, Victor

2013

geral@euedito.com

www.euedito.com

Depósito Legal:352848/12

ISBN:978-989-97985-6-4

Aos meus pais

O Mundo Imaginado pode ser a vida vivida por outros. Enquanto imaginamos estamos vivendo. Há dias em que julgamos haver uma conspiração contra nós, que o mundo conspira para nos tramar. Outros dias há nos quais nos resignamos e aceitamos o desemprego, a falta de forças, a infelicidade, a falta de realização, aceitamos tudo e só queremos viver mais um dia, ver o sol de novo no amanhã, realizar qualquer coisa, ler qualquer coisa, apanhar um comboio ou um autocarro para os limites possíveis do nosso território, para que a conspiração se vire de outra maneira e o mundo passe a conspirar coisas boas em nosso favor. Assim, mesmo que sofrendo, aprendemos a deixar andar o barco à deriva, esperando chegar a um porto, a uma praia de uma ilha habitada. Por vezes temos vontade de tomar um transporte para outra dimensão, parece que andamos sonhando no mesmo lugar, que coisas e pensamentos dos outros vieram ter connosco e habitaram a nossa mente durante dias. Por isso, esperamos ter possibilidade de andar, de um lugar para o outro numa terra incendiada e morta que é o nosso corpo, até que possamos dar conta da existência da água, desse elemento vital. Aí chegados, temos garantias de poder esperar reconstruir a nossa existência, como nos dias em que éramos novos e esperançosos demasiado para ver a realidade. Andamos sonhando em pequenos e continuamos fazendo-o, pensando que a realidade é o que pensamos. E se algum mal há nisto é o facto de nos estarmos completamente borrifando para as conquistas, para as aventuras insaciáveis e queiramos talvez firmemente dar conta de uma aventura interior em busca de um equilíbrio que tarda em se impor. Assim sendo, coisas simples pedimos, aquelas que atrás já referimos, conquistas pessoais e sociais, que têm a ver com a simples realização de chegar, ver e vencer, não sem que tenhamos devidamente equacionado os prós e contras da questão. Concordamos com alguém que não conhecemos que não podemos conhecer todo o mundo e talvez não dependa disso a nossa felicidade, mas do quê depende então?, talvez do aceitar e compreender para poder fazer melhor

e já que não somos incautos em imaginar como será a nossa vida para mal também não vem mal ao mundo antes pelo contrário pensar como será a nossa vida para bem, que é o que agora mais nos interessa. Assim, procuramos uma ou duas personagens, fazemos uma pesquisa e podemos dizer que tal personagem é nossa mas cedo a abandonamos quando a vemos com letras escritas em favor de outras de sangue novo, talvez seja a lei da vida o escritor ser vampiro das emoções, talvez seja má visão de quem reflecte apenas a realidade, não a pretende questionar muito para além do desejável.

A vida imaginada também pode ser fonte de um livro. Normalmente escreve-se no presente ou tendo por referência o passado. Porque não ter como referência o futuro? Foi assim que Jonas imaginou a vida a partir dos 36 anos. Passava os dias de semana em Lisboa, dormindo em casa sua, era preferível do que deixar-se ficar pela aldeia beirã onde habitavam os pais, pela sua casa perturbada, mudando de cama, levando o seu livro de sonhos com ela aonde quer que fosse. Não iria ao psiquiatra, mas tentaria outros tratamentos para deixar os medicamentos de vez, fosse acupunctura fosse ioga fosse esoterismo ou espiritismo, qualquer coisa que não tivesse a ver com psiquiatras. A Espiral, que frequentara em tempos idos, podia ainda ser uma boa ajuda. Sabia que os seus males de cabeça provinham de várias causas: falta de lentes adequadas nos óculos, calor, dos dentes, do tabaco, da vida sedentária que levava. Preferia sem dúvida permanecer de semana em Lisboa, companhia decerto que arranjaría, recebendo nos primeiros tempos o rendimento mínimo e a renda do estudante do norte, do que permanecer na aldeia dando-se como esquizofrénico e receber uma pensão de invalidez ou na melhor das hipóteses frequentando um curso em Leiria, para onde tinha de ir às 7 da manhã e regressar ao fim a tarde. Já que não tinha carro, Lisboa, o centro de Lisboa, era o local ideal novamente para passar a semana. Quem sabe meter-se-ia num curso para desempregados, num programa qualquer que lhe garantisse alguma sustentação económica e até um dia podia aspirar a um trabalho. Mas ficar na

aldeia, não. Estava fora de causa. Chega um tempo em que deixamos de pôr em causa as coisas, as ideias, os valores. E então compreendemos que nada é perfeito ou que simplesmente não podemos abarcar a perfeição. Jonas iria mesmo pedir a pensão, porque já tinha sofrido o bastante para tal. E porque não podia mais apoiar-se na irmã e na mãe para fazer a sua vida. Uma vida que ainda podia ser imaginada: trabalhando, deslocando-se de casa todos os dias da semana, juntando algum dinheiro para possivelmente comprar um carro, mas antes teria de pagar as suas dívidas, desse por onde desse. Questionar sozinho não é tarefa fácil e é inglória, pois se vê o reflexo negativo das coisas e é como se estivéssemos espetando uma espada em nós mesmos. Naquela manhã do verão de 2006 tudo parecia perder sentido. Os sonhos incomodavam como gretas nos dedos dos pés, a consciência era coisa que tinha uma vida atribulada. Ali retido, bem podia imaginar a vida. Seria a principal ocupação de Jonas, imaginar a vida que podia ter, mas que por muitas razões, não tinha. Talvez não dependesse mais dele ou do seu espírito, que procurava ainda mais e mais nos livros, nos caminhos, no rio que passava por debaixo da ponte, quase seco, onde em criança ia pescar com os amigos. Um dia fazia um calor imenso, estava em cima de um monte de canas à borda do rio e bebia água incessantemente, que gesto tão natural...beber água de uma garrafa. Não havia muitas histórias para contar, o que havia estava enterrado na sua memória de infelicidade que a idade adulta trouxera, essas histórias de uma infância feliz, algo traumática, de uma adolescência difícil onde era raro encontrar amigos, raro eram os amigos que tinham sobrevivido da amizade e hoje quase todos tinham a sua vida de casados. Que fazer senão viver no tempo, um dia após o outro, procurar ter saúde, resignar-se a um destino que afinal era o de tantos outros. Um dia após o outro, as circunstâncias reais não se modificam. Já não há muito a fazer para Jonas, esperar que venha a renda, dar uns passeios a pé, fazer umas corridas, ripar umas músicas da net, copiar uns cd's da biblioteca para ir fazendo a sua

fonoteca para ter ambiente para leituras e outras coisas, pouco mais há a fazer. Não estão soltos os desafios da juventude, mas eis senão que um trabalho se precisa para equilibrar os orçamentos e ter alguma independência, pois só assim parece ter importância o que se escreve para quem lê. De facto, ao contrário do que Alberoni refere, é muito importante a vida do escritor para que a sua obra seja conhecida. Não digo lida, mas conhecida em vida deste. Esperar que a morte traga a fama parece ser algo de perfeitamente sinistro e assustador. É no entanto com falta de inspiração que vive o autor, em procura de personagens para o seu relato, que se confundam com as que conhece verdadeiramente deste palco da vida. A vida imaginada.

A polícia passa, será fogo ou acidente, será a ambulância ou o carro dos bombeiros. O que se passa na cabeça de Jonas é sempre reflexo do que se passa à sua volta, com os outros, não quer ele arrogar-se de direitos sobre os seus pensamentos, que não são seus, são apenas os pensamentos que em dada altura tem, são-lhe emprestados por Deus e pelos homens, há que saber usá-los devidamente. É claro que a vida podia ser diferente, principalmente aqueles fins-de-semana em que fica em casa deprimido e não vai jogar à bola porque o podem achar um animal estranho ou não corre porque não vale a pena cuidar da saúde. Dia após dia, contudo, é-lhe dada a oportunidade de viver mais e mais, de ler mais e mais, de reconverter a sua alma a coisas fundamentais, de esquecer os momentos de maior tensão, que já lá vão, que poderiam ter sido passados de outra maneira devido a um conjunto de factores que talvez não esteja ao seu alcance vislumbrar, são estas as poucas palavras que o coração usa para se manifestar, muitas repetidas voluntariamente para enfatizar a procura de Jonas. Simplesmente, não podia sair de casa porque não podia gastar dinheiro. Como sair de casa sem gastar dinheiro, como fazer alguma coisa sem gastar dinheiro? Pode ler-se durante o dia, sem música. Não se gasta dinheiro. Mas enfim, esta conversa não vem ao caso. Debatia-se Jonas no seu espírito de como a presença do obscuro na sua

vida fora um entretém que lhe custara caro, talvez a própria felicidade. Por isso, a partir daquele longo ano de 2006, iria tentar recuperar por todos os meios de um caminho óbvio e que parecia ser simples compreender para alguém, mas para Jonas era fonte de muita frustração. Não lhe trouxera conhecimento especial das mulheres, do amor, não lhe trouxera nenhum conhecimento ou técnica especial. Estava sozinho, não fosse a sua mais recente amizade com uma jovem de uma cidade próxima a que daremos o nome de Alfa. Pois esta jovem era diferente de todas as outras que conhecera no sentido em que as outras tinham em relação a ele uma atitude mais ou menos comparável, atitude que era distinta da de Alfa. Jonas ainda não a amava, mas achava que era socialmente mulher para si. Ou talvez a amasse. Talvez não soubesse o que queria. Mas tinha consciência do seu caminho. Nesse caminho o sexo e a religião atravessaram-se-lhe no caminho, isto é maneira de dizer, pois parece que com os outros acontece também assim. Foi ele quem deu atenção a uma e outra coisa. E o facto de viver uma vida recatada e solitária, embora vivendo com os pais, nada tinha a ver com isso. Os outros também tinham ânsias, longe ou perto. Decerto que sempre haveria gente mais valente do que Jonas, mas também haveria gente com os mesmos problemas, por vezes mais jovens. Tinha de compreender isso, custasse o que custasse. Fosse como fosse, tinha saudades dos dias calmos de Lisboa, em que passava fins-de-semana escrevendo, vendo montras de centros comerciais, ouvidos vozes ecoadas no metros, pequenas incidências nos seus dias de solitário, de celibatário, Lisboa onde não conhecera muita felicidade e sentia que algo havia ficado incompleto, talvez fosse só impressão, coisas boas e más por lá se passaram naqueles dias em que ia ao Parque de Saúde fingindo a si próprio que fazia uma pesquisa quando estava era tratando da sua saúde. Para bem e para mal. Da galeria no Castelo, do eléctrico que apanhava para lá chegar, dos poucos momentos em que teve oportunidade de por lá fazer vida. Contudo, imaginando a vida, seria ainda possível passar lá a semana, construir

um género de vida normal, pois que a casa ainda estava no mesmo lugar e desta vez sabia que depois desse longo ano, sabia com o tinha de se debater e isso era ele próprio e seus medos, a dor de coisas passadas. Jonas sonhava com a corrida no dia seguinte e se estaria preparado. Noutros locais do mundo alguém pensava como ele, alguém o esperava: nos EUA, na Turquia, no Japão. Alguém um dia leria a sua obra e sentir-se-ia solidarizado com este ser que habita um pequeno país da Europa. Se havia um grupo de música algures chamado Rosa Mota, porque não esperar que o seu nome fosse dito e reconhecida a sua obra além-fronteiras? Era algo a que aspirava e sinceramente, não se via em condições de desistir, mesmo que não fosse publicado no seu país. Muitos autores esperaram muito mais tempo ao longo da história geral e da história da sua vida para serem revelados. Talvez Jonas fosse um deles. Claraval e Sara eram um casal amigo, que tinham tido recentemente um rebento. Só Jonas continuava sozinho, apesar de ter conhecido algumas mulheres. Aquela que conhecia actualmente, Alfa, talvez não tivesse consciência dos problemas que afligiam Jonas. Mas que problemas eram esses comparados com os de tanta gente? A sua vida era simples e complicada ao mesmo tempo. Exteriormente simples, pois tinha poucos compromissos sociais, mas complicada mentalmente pelos inúmeros enigmas que procurava resolver e que fazia mais ou menos através da escrita. Recentemente, estava lendo bastante. Só tinha pena de não ter poder económico para comprar os livros que tanto desejava ler, mas as bibliotecas das duas cidades mais próximas colmatavam em parte essa necessidade, nem que fosse a sede que tinha de ler clássico e romancistas portugueses contemporâneos. Há muito tempo que se esquecera da poesia, talvez porque a prosa ocupar mais, preocupar mais, talvez por falta de sensibilidade para ler ou de talento para escrever poesia. Seja como, estava um pouco farto de estar em causa, numa vida sedentária, um pouco parecida como Harvey Vekar em *American Splendor*. Só que Jonas não tinha independência económica nem

trabalho. O que poderia parecer confuso, porque independência mental tinha até bastante, conseguindo abstrair-se o suficiente do ambiente em que vivia. Mas não o suficiente para escrever um grande romance. No entanto, naqueles dias, sem trabalho ainda, lia *A Montanha Mágica*. Antes de deixar de olhar para o seu umbigo, Jonas tinha mais umas coisas a fazer. Tinha de pensar esperto. Se não podia ambicionar um cargo político na sua terra, não tinha de arranjar emprego na sua terra, mas em Lisboa, onde tudo era diferente. Que tal criar o seu próprio emprego? Que tal ser como a toupeira ou a aranha, que tece cuidadosamente a sua teia. Se tinha capacidade para escrever, a maior parte das vezes sobre si próprio, não podia ficar à espera que fizessem as coisas por ele, ninguém viria oferecer-lhe um emprego. De modo que tinha de se mexer, procurar rendimentos. Não seria uma vingança, mas atribuição de justiça a um cidadão. De modo que foi, como tinha tempo, pensando no que podia fazer. Antes de mais, iria tentar uma pensão que servisse de rede para a sua trama. A realidade é que sofria e estava incapacitado. Mas tinha capacidades que nunca desenvolvera e desta vez iria usar a sua inteligência para garantir a sua sobrevivência e independência económica. Já chegava ter de esperar demasiado dos outros. Tinha na sua mente um obstáculo: decerto que estava rotulado como frequentador de prostitutas, pelo que um cargo político na sua terra estava fora de causa, um cargo de responsabilidade qualquer estava fora de causa devido à moralidade bacoca dos seus conterrâneos. Quando e se chegasse a um lugar de destaque social atirar-lhe-ia logo isso à cara. Pensara que a escrita seria uma forma de explicar. Mas ninguém queria ouvir as suas explicações, tinham-no rotulado e isso já lhe bastava. Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. A partir daquele momento o seu objectivo era trabalhar para poder ter autonomia financeira e uma velhice feliz. Antes de mais, tinha de deixar de ver tantos noticiários, pois era facilmente influenciado por eles. Claro que havia gente que o achava um mendigo, havia muita gente que o queria ver em baixo. Não tinham entendido quando ele fora para o

seminário, não tinham entendido quando ele fora frequentar antropologia. Talvez tivesse errado ao não dar cavaco a ninguém. Mais uma vez, estava sendo ele próprio, agindo na sombra, contudo o seu inimigo era ele próprio e a sua cabeça amiga agora e aliada, porque o coração há muito tempo que estava desejando independência. Decidira não revelar a sua profissão a não ser em caso de extrema necessidade, mesmo sequer para os bancos. Mas ele nada tinha a esconder. Só que ao ignorarem-no haviam cometido uma grande falta, um erro. Porque Jonas desenvolvia-se mais e mais e a sua sede de justiça e realização sócio-profissional aumentava. Sabia que finalmente estava sendo senhor do seu destino. Quanto à pensão, era uma rede para poder ter uma margem de manobra, uma paga por tudo aquilo que o haviam feito sofrer, por todos os medicamentos que tinha tomado, por ter sido cobaia da psiquiatria anos e anos. A sua acção não se iria modificar radicalmente: só que desta vez iria ser mais avisado e contar com alguma experiência e usar a cabeça para o que realmente interessava e focalizar-se naquilo que até então não tinha dado importância: a sua valorização pessoal. Mas iria Jonas regressar à religião? Iria dedicar-se mais à antropologia? Nem uma coisa nem outra. Podia ser como D.Quixote, lutando contra moinhos de vento, mas desta vez singraria, conseguiria ter o seu trabalho e dali a um tempo, o seu carro, a sua mulher que deveria amar, as coisas elementares a que se achava por direito ter. Ninguém oferecia tal coisa nunca. Tinha de as conquistar e, ganhando confiança nele próprio, iria conseguir algo. Bastava pensar que seria capaz. Pensar que o passado não havia sido mais do que um pesadelo, sem contudo ter sido crua realidade, onde se havia prostrado quase inanimado por desatenção das pessoas. É claro que a mesma sociedade que lhe architectara tal plano iria agora ter de falar, ele queria saber o que os outros realmente pensavam dele, para bem ou para mal. Desta vez não andava atrás de mulheres. A resposta estava dentro de si. Desta vez havia pegado o jeito e vingaria como os outros, porque tinha conhecimento da realidade que vivia e tinha de usar esse

conhecimento em favor económico dele próprio. Ele não era nenhum coitadinho, ele era capaz e nenhum moralismo bacoco podia derrubá-lo. É claro que exteriormente tudo continuava na mesma, porque tinha de continuar. A sua mudança era interior, podendo reflectir mais tarde na sua imagem junto da sociedade. Simplesmente, ele estava numa situação de desvantagem, não podia contar com a ajuda de ninguém. Mas iria ter ajudas. Ninguém é uma ilha. Depois de pagar as suas dívidas poderia começar a recompensar a sua mãe e a sua irmã. Depois podia pensar em juntar algum dinheiro. E caso acontecesse um imprevisto, estaria preparado. Diria o leitor que Jonas estava fazendo a cama para se deitar, mas nada de mais ilusório. Haviam-no rejeitado e ele só queria mostrar que tinha valor. Esquecer que ter inimigos era o mesmo que esquecer que existia. Outros, que nunca haviam mergulhado no Inferno, poderiam condená-lo de agora querer justiça. Diriam certamente que ele era um homem sem valor, que via em si próprio apenas defeitos. Mas, fosse como fosse, desta vez não iria ficar parado. Sabia de uma coisa simples, se não pedisse ajuda ninguém o ajudaria. Contudo, teria de ter o mínimo de iniciativa individual. E se toda esta trama pode parecer chamar-se egoísmo, é pura ilusão. A experiência havia-lhe ensinado que só com ele próprio podia contar para chegar a algum lado. Havia que ter confiança!

Não foi preciso ligar a televisão por cabo. Na RTP2 passava um documentário sobre geologia. E Jonas concluiu, ao lado de um geólogo, que o desenvolvimento que o homem alcançou nestes últimos séculos não foi pontuado por grandes desastres naturais. Vivemos, presentemente, por permissão geológica. Isto dá valor ao facto de procurar outros planetas. A Terra, tal como a conhecemos, vai deixar de existir, a espécie humana desaparecerá como desapareceram os dinossauros. De que vale a pena fazer obras de arte, literatura, se ninguém se vai lembrar de nós? Se no futuro seremos conhecidos ou nem sequer conhecidos por ninguém? Deixaremos rasto? Esta ideia de que vivemos por permissão geológica, contudo, leva-nos a

repensar toda a nossa relação com a natureza. E que talvez as questões humanas tenham pouco sentido, as guerras, as contendas, a competição. Mesmo as questões de ambição pessoal deixam de ter importância. Para quê educarmos os nossos filhos se o futuro está hipotecado? Jonas deixou-se abater pelo programa. Foi-se deitar cedo. Escreveu no seu Livro de Sonhos aquilo com que queria sonhar: “um trabalho e escrever enquanto não trabalho”. No dia seguinte, telefonaram-lhe do centro de emprego. Era candidato a um emprego que consistia precisamente em escrever. Por isso, valia a pena continuar, mesmo por permissão geológica. Pensemos na vida de Kant e na serenidade com que se empenhou em construir o seu sistema e na forma como o terramoto de Lisboa alterou o curso dos seus pensamentos. Não que Jonas se comparasse a Kant. Mas havia uma sensibilidade, um fatalismo que fazia as coisas correr não como quiséssemos, mas como era possível fazê-las correr. Depois, iria realmente a raça humana desaparecer? Teria sido inúteis os esforços de cientistas e literatos que se haviam debruçado sobre a espécie humana na esperança de a conhecer e conhecendo-a, transmiti-la a outras espécies. A vida era predatória? Os alienígenas seriam agressivos, predadores? Nesse caso, podíamos apenas contentarmo-nos com um segundo lugar e na melhor das hipóteses, os registos enviados sobre a vida humana para o espaço poderiam dar uma ideia de como teríamos vivido. Assim se compreendem os esforços das agências espaciais para sair da terra o mais depressa possível. O nosso destino é a extinção. Que poderemos fazer quanto a esta realidade? Tudo o que fazemos pode não ser senão instantes finais de uma evolução. O riso das crianças, os avós orgulhosos pelos seus netos. O Wonderfull World como no videoclip da canção de Louis Armstrong. Não quer dizer que paremos e nos suicidemos face a esta dura realidade. Ainda assim, podemos dar uma boa imagem de nós próprios. Ainda assim podemos procurar formas alternativas de vida, respeitar o ambiente que temos. Tudo parece sinistro e catastrófico. De que serve preocuparmo-nos

com coisas menores e mesmo com a realização profissional, com o nosso Ego? Acaso esperamos algum tipo de salvação pessoal? De salvação da alma? Que será feito da terra daqui a milhares de anos, teremos ainda espécie humana? De uma maneira ou de outra, falando de coisas comezinhas, Jonas tinha descoberto a sua vocação, a sua profissão: fazer registos da vida (humana) para os entregar à NASA e enviá-los para o espaço, bem longe da terra, porque mais cedo ou mais tarde a vida humana acabaria. Regressava assim ao cerne do que Malinowski e Mauss e Boas tinham em mente ao criar a antropologia. Mas os outros tipos de vida não dizem respeito também à espécie humana. Não pretende o homem considerar-se rei da terra? Havia que se debruçar também sobre outras formas de vida, sobre em geral como era a vida no tempo em que viver Jonas na terra. Esse era o maior testemunho que podia deixar da sua vida. No entanto, Jonas teria de viver. Ia envelhecendo sozinho, sem mulher, já com pouco desejo, mas mantinha-se na aldeia de Riachos, junto à casa de seus pais. Tinha consciência de que podia ter feito amor doutra maneira, que podia ter amado doutra maneira e será possível amarmos todas as coisas como São Francisco amou sem sofrermos consequências, trabalhando e ao final do dia ter o salário da jorna? Ali perto, numa aldeia vizinha, espreitava uma hipótese de trabalho. Tinha de trabalhar para ser reconhecido, mesmo que não cumprisse um horário das 9 às 5. Estava de certa maneira ansioso por saber o trabalho que o esperava. Finalmente, podia sair de casa e ganhar o seu sustento. Ainda assim, nada era certo. Estava ainda em Portugal, falando em termos geográficos. Não tinha ido para Bergen nem para Paris, onde nascera, estava em Portugal e o seu país tinha graves problemas a resolver. Gostaria um dia de ver a cara, se é que têm cara, dos alienígenas, ao saber como os homens vivem a sua vida, como sofrem, como estão sozinhos em alguma parte da sua vida, como tentam recuperar de um passado que os quer ver mortos. Afinal de contas, Jonas estava sozinho nos seus pensamentos, talvez devido a um carácter solipsista

acentuado. Mas não iria tardar muito até que os seus escritos fossem publicados. Ele queria em vida ver a consequência das suas palavras e estava disposto a provar que pensar é um direito, não é crime, embora seja tarefa árdua ao lado de outras igualmente árduas. Há alguns anos que não estava com uma mulher. Bem, estivera com uma há alguns meses, mas a questão causara-lhe tanto sofrimento que não importa aqui relatar. Por vezes, levados pela emoção, fazemos coisas contra nós próprios e qualquer acto não é sem consequência, os actos são consequentes. Também os pensamentos o são. Tenhamos então bons pensamentos, bons actos, não confundamos as coisas, Jonas estava numa situação complicada e ninguém se importava senão a família e alguns amigos. O seu psiquismo estava chegando a uma situação tal de sofrimento que era teoricamente impossível suportar aquela situação, tinha de avançar, de mexer, sem medo de errar, já estivera todo o tempo pensando na melhor opção a tomar, já estivera muito tempo debruçado sobre si próprio. Era tempo de sair de si, de conhecer pessoas, com problemas e felicidades, mas sair, ir aventurar-se conhecer a vida, fazer-se à vida. A sua teimosia não estava levando a lado nenhum. É certo que o mundo era um lugar complexo. Mas podia haver alguma coisa que ele podia fazer para o tornar num lugar melhor para viver. Essa era uma tarefa digna de ser feita.

Andamos nos dias, a maior parte do tempo parados, fumando, comprando a morte em maços de cigarros e para que? É extremamente estúpido fumar, no entanto continuamos a persistir no erro, como se algum dia alguém viesse a ter pena de nós por nos preocuparmos. Nada compra a nossa saúde, a não ser o nosso esforço. Nada de sobretudo importante se apraz dizer sobre os dias de Jonas, senão coisas boas que estavam por surgir: a possibilidade de um contrato de trabalho, a estada dos sobrinhos que pena é que Jonas não tivesse carro para os levar à praia, mas não haveriam de faltar ocasiões. A possibilidade ainda de o pai de Jonas, Artides, vender um apartamento em que investira muito do seu esforço último na sua vida. Para deixar o melhor para

com os filhos. Depois, o gesto de interceder em favor do filho a propósito do emprego, de boa vontade mostrava que ele não lhe guardava rancor, como pensava Jonas. Eram assim plácidos os dias daquele verão quente, em que a saúde de Jonas estava por baixo mas mantinha expectativas de zelar por ela e trabalhar. Estava disposto a deixar de fumar, tinha de se consciencializar que um dia tal iria acontecer. Gradualmente, as preocupações desapareceriam, o trabalho invadiria o seu espaço do dia-a-dia e sentir-se-ia mais livre, mais solto, mais saudável, mais ele próprio. Só que tinha de marcar uma consulta com um médico para se inteirar do seu estado de saúde ou começaria um tratamento em homeopatia em substituição? Tinha de pensar e informar-se sobre o que podia fazer. Jonas cometeu o erro de não se amochar na sua terra e pretendia algo mais. Enquanto se preparava para uma inspeção médica para deliberar da sua sanidade mental, escreveu cartas e mais cartas, duas delas a universidade sob hipótese de continuar os estudos e uma ao primeiro-ministro, contando-lhe coisas geológicas que acima descrevemos. Talvez desta vez o levassem a sério. O que é certo é que naquele dia de verão tinha tido uma discussão na sala de informática e não se sentira nada bem por causa disso. Acusavam-no de pedofilia, de ver sexo na internet. Sexo na internet não negava, agora pedofilia e polícia judiciária? Que diacho! Tinha de ter mais cuidado com o que fazia, com o que via, naquilo em que se metia, diacho! A coisa naqueles dias estava a descambar para um sofrimento mental que influenciava a sua mãe, a sua irmã, o seu cunhado, o seu pai, o seu irmão, a sua cunhada e claro, naturalmente os seus sobrinho. O mais pequeno, Ismael, chorava que nem um perdido depois de uma noite mal dormida. O pior é que Jonas também dormira mal. E Alfa queria vê-lo na cidade mais próxima dali a dois dias, de manhã de preferência. Iria ele apanhar o autocarro das sete da manhã para se encontrar com a namorada. Que teria ela em mente? Talvez uma ida à praia, talvez outra coisa. Era para ver no que dava. pelo menos enquanto estava com ela não precisava de fumar. Tentara umas aulas de ioga,

mas o horário era incompatível com os transportes. Bebera imensa água naquele dia e suspeitava que teria alguma coisa na próstata, segundo um homem de uma loja lhe havia dito: teria de se acautelar, pois a coisa era hereditária. A irmã e o cunhado, tinham vindo jantar com o filho, Ismael. Em breve Jonas e sua família teriam mais um vizinho, pois um apartamento que o pai fizera com esforço e dedicação estava para ser vendido finalmente. Os esforços do pai Artides eram finalmente recompensados. Grande homem.

Ali estava Jonas, preso a um lugar do mundo. Iria ficar para sempre ai, morrer ai, ou teria oportunidade de conhecer o mundo directamente, esquecendo a televisão? Acordava mal disposto, com o semblante carregado, os músculos contraídos. Lembrava-se dos primeiros tempos no hospital e das canções de Dido, cantora inglesa de voz doce e serena. Fora ali que descobrira o quão frágil é a mente e a vida humana. Estava ali, à espera da vida, imaginando a vida. Aparentemente tudo tinha contra ele, mas também tinha coisas a favor. Contra tinha o vício, a favor tinha talvez os outros. Contra tinha as obscenidades que não lhe saíam da cabeça, que o impediam de fazer qualquer coisa de válido, ter o próximo emprego, trabalhar como qualquer pessoa. A favor tinha ainda a sua esperança inabalável. Se conseguisse esquecer o passado, lidar com, talvez seria essa a chave de melhores dias. Ali estava Jonas, na sua idade madura, junto à mãe e ao pai, invectivando hipóteses para sair de uma situação. Gostaria de estar em Londres, em Paris, Nova Iorque talvez fosse demais. Com algum dinheiro talvez conseguisse ir até lá, quem sabe envolvido nalgum projecto arrebatador. A vida que tinha e a vida que podia ter, essa era a vida imaginada por Jonas. Ao telefone dissera impropérios sobre si mesmo a uma colega, tinha consciência que por vezes rebaixava-se a si próprio sem ter necessidade disso para vencer. Mas esqueçamos o passado. Agora conquistava um espaço de liberdade, contudo ainda queria conhecer Margarida Rebelo Pinto ou pelo menos haveria um dia de ganhar o mesmo que ela com a escrita o que estava longe de ser provável pois a sua escrita era demasiado honesta.

Como a de Pedro Paixão, se quisermos um exemplo. Tinha prometido que não escrevia mais, mas era como um vício, uma porta aberta para o desconhecido que se dava a conhecer. Mas não ia esperar pela morte para ver a sua obra publicada, nem precisava de dar aulas para a defender. A escrita valia por si mesmo. Contudo, podia treinar-se a falar sobre a obra de um autor que conhecia. Ouvi mais uma vez Dido e sentia que não estava tão só quanto isso. Tinha a escrita e um dia iria falar sobre a sua escrita, sobre as obras que produzira. O seu pai construíra casas, ele construíra palavras sobre palavras. Depois de muito sofrer, vencida o complexo de Édipo, contudo não tinha confiança pessoal de nenhum médico da mente nem de nenhum professor. Mas as amizades são como as plantas, precisam de água. Jonas vivia uma espécie de saga pessoal e disso tinha a certeza, que tinha consciência do fio da sua vida. Mas chegara ao fim aceitar as pessoas tal como elas se apresentam. Chegara ao fim ter de arranjar uma namorada por tudo e mais alguma coisa. Chegara a esta conclusão depois de Alfa lhe ter dito que não queria andar com ele. Talvez ela se tivesse informado acerca dele. Mas ele nada tinha a esconder. Num colégio de eminentes professores, ouvia o começo do ano lectivo. Porém, preparara tudo mas abandonava o edifício da hora das proclamações, e à porteira confessara uma ignomínia, e aos turistas que ora gozavam com ele ora o seguiam, mandava-os à merda. Sabia que havia quatro ou cinco pessoas com nomes franceses que o perseguiram e que tinha dado um castigo a pessoas que invadiram o quarto durante a noite tirando do ela as crianças seus sobrinhos. Fizera-lhes pagar a renda a dobrar, por motu próprio. Estava lá no mesmo apartamento cheio de quartos, com o seu irmão. Desprezava um homossexual que se havia metido a meio da noite no quarto mais importante, com casa de banho privativa. Jogara basquetebol com uma mulher e dera show, como se estivesse a ver ou fazer um filme. No fim aqueles quatro seres com nomes franceses que o perseguiram apareciam a seu lado e ele tinha a consciência de que isso não era normal, contudo tinha de viver com isso e

acabou falando a alta voz como na rádio, ecoando a sua voz pelos lugares onde ia passando. Fizera-lhe lembrar França, todo aquele cenário, todos aqueles personagens. Seja como for, a sua vida não era ficção. Falavam deles nas suas costas e ele por vezes tinha a consciência de não ter feito nada, de não estar fazendo nada. Talvez tivesse sido isto que Alfa tivesse tomado como determinante. A princípio queria uma companhia. Mas como se houvesse trabalhado toda a vida, dera-se conta que não havia vivido para os amigos. Porque tomava a realidade como parcial? Não havia tempo para estar com os amigos, ter a sua relação e tratar da sua filha? Isso Jonas não lhe perguntara e agora nunca mais o saberia. Era tarde, ela não queria mais estar com ele. Ele não queria mais estar com ela. Não se gostavam e não vinha nenhum mal daí ao mundo.

Depois daquela conversa com Claraval, sonhara estar num país distante, onde era abordado por estudantes de diversos países. Nesse país de fiordes, tinha ido estudar recursos hídricos. Na conversa com Claraval não dissera que pretendia ir para esse país, só se lembrara disso mais tarde, naquela noite em que acordara à uma da manhã, depois às duas, depois às cinco. Precisava de um médico. Pelo menos para o ajudar a dormir melhor, era esse o caso. Esse país era perfeito demais para Jonas, tudo era previsível, no entanto sentia-se tímido e truncado nas suas emoções. Talvez estivesse ferrugento ao nível da língua inglesa. Mas podia fazer alguma coisa, podia treinar o inglês. E há muito tempo que não via um antropologista, que não conversava com o seu amigo Dantas. Seja como for, depois de deixado Alfa, estava de novo sozinho, contudo desta vez não se sentia aflito, procurava não se sentir mal por não ter mulher, sentimento que devia de experimentar depois de muito tempo. A temática sexual era exagerada, podiam-no acusar de tudo e sentia-se perseguido. Pensava que o social era importante, no entanto não esperava nenhum reconhecimento social, o objectivo da sua vida não era descobrir se gostava de homens ou de mulheres, não tinha que ter uma mulher à força para

demonstrar socialmente qualquer coisa. No entanto, precisava de falar destes assuntos, de alguma maneira saber a verdade sobre si próprio. Tinha a impressão de que por não estar ocupado, estas coisas avolumavam-se na cabeça. E agora aprendia a odiar Marta e estava preocupado com a saúde de Sara. Tinha cometido um erro desde cedo ao afeiçoar-se a ela. Mas daí até o acusarem de incesto!? A questão não lhe interessava explorar, sabia que as outras pessoas criaram uma certa imagem de si que vislumbrava em sonhos. De qualquer modo, tinha de aprender a não ser tão pesado. Não era lógico nos tempos que corriam ser-se tão pesado. E com o sol que fazia naquele verão, tinha direito a arejar as ideias, não tinha que carregar nenhuma cruz de escritor, pois estes dizem o que os outros pensam, o que os outros querem que se diga. Sentia verdadeiramente que gostava mais de antropologia do que dos antropólogos. Tinha tido uma má experiência de esquecimento. Talvez tivesse estado errado todo este tempo. Talvez a vida seja essa aprendizagem de nós mesmos, a descoberta progressiva da imagem que os outros têm de nós. Talvez só exista isso. Porque nunca nos conhecemos verdadeiramente. E por isso andamos num mundo de ilusões. Querem impingir-nos uma verdade, uma parte da verdade. O que pensamos, o que vemos, não é o que realmente existe. São simulacros e andamos enganados todo o tempo. Ainda assim, para quê tanta preocupação? A vida será mesmo assim, quando estamos bem julgamos que não é para durar, pois a felicidade não dura sempre. Vivemos por entre simulacros da verdade, parafraseando a alegoria da caverna. Queremos tudo, e no dia seguinte estamos já com problemas só por desejar. Mas há algum mal no desejar? Aparentemente parece que há, que devemos desejar somente segundo as nossas possibilidades, porque vivemos na face do bem e quando encontramos os outros encontra-se a face do mal. O inferno são os outros, é bem verdade. Política e religião são coisas distintas. A religião vem do simples desejo da mente, enquanto a política destina-se a qualquer coisa de comum que é da ordem do obscuro. Mas se os extremos se tocam,

poderá a política encontrar-se com a religião? Aparentemente, tudo o que é humano é questionável, tudo o que tem vida é questionável. E por vezes, a maior parte das vezes, perdemos oportunidades imensas para estar calados, começando pelos escritores. A verdade, a realidade, se forem uma e a mesma coisa, simplesmente é, não deve ser questionada, este parece ser o erro de muitos filósofos e escritores. Nisto, como em muita outra coisa, parece haver uma hierarquia das ciências. Para muitos a filosofia não passa de mera distração sem fundamento, para outros, entre os quais me conto, é um exercício vital. Nisto, a antropologia pareceu vencer, ao dar conta do que existe e não questionar como fazem muitos filósofos. Afinal de contas o que é que ganha o mundo com tanta pergunta? Não se reduz tudo ao fim e ao cabo a um mundo mensurável, mesmo que digamos que é infinito dizemos que é mensurável e que se pode reduzir às leis da matemática e da física. Talvez devêssemos saber um pouco mais de algumas coisas antes de falarmos dos outros e já agora, porque os outros também somos nós, antes de falarmos de nós mesmos. O que nos devemos interrogar é se uma pessoa como Jonas não merece viver a sua vida, conservar a sua saúde. E para bem da literatura e da imortalidade de nós mesmo perguntamo-nos se uma pessoa que escapou à morte como Eneias, à pior de todas as mortes, a morte moral, não merece viver. Não há possibilidade de sentido de humor nestas questões. O humor nasce da relação com os outros, do ódio, do escárnio. As pessoas que têm sentido de humor têm um sentido do social que não se compadece de uma vida de grandes ambições pessoais e morais. É na procura que reside o segredo, na procura de uma verdade pessoal, por mais que isso nos custe. E voltamos à questão do poder. A ambição pessoal, integrada na ambição do grupo que quer dominar, está sempre presente nas manifestações humanas. E não estamos falando moralmente modo que devia de ser, mas do que é, daquilo que constatamos na realidade. A aventura deste personagem é no sentido de merecer a todo o momento, viver, apesar das contrariedades.

Regressando ao humor, ele parece ser sempre relaciona, não tem a ver com a existência em si mas com um certo exercício de uma liberdade que por vezes, na praxis, se confunde com libertinagem. Quando no início Jonas clamava pelos outros, não soube gritar porque não queria incomodar. Depois, lançou-se para a morte, esperando com isso alguma coisa. Escapou a uma morte prematura, outros morreram antes dele, muitos nem tiveram a possibilidade de escrever as suas infelicidades. Jonas pelo menos pode dizer que viveu, não sem dificuldades e que desconhece o dia em que deixará o mundo da consciência. Ele bem queria seguir os outros, mas todos temos de optar num dado momento da vida, sob pena de entrarmos em putrefacção. Seja como for, não quis a personagem adivinhar o futuro nem manipular os outros. Talvez tenha perdido muita coisa com isso, mas ao nascer já ganhou.

Jonas conheceu Alfa numa tarde de quarta-feira, era já verão de 2006. Deslocava-se de autocarro e iam até à praia passear, de mão dada. Só que Jonas não a achava bonita e estava sendo um sacrifício para ele. Até que um dia ela decidiu dizer que não queria ninguém, que se queria dedicar aos amigos. Tudo bem, Jonas compreendeu, embora mantivesse a atracção física por ela. Telefonou, assim que se despediu, a Nur, uma moçambicana de origem indiana, que tinha um filho de um branco português. Mas logo se lhe levantaram problemas. Como se Nur tivesse problema com o ex-companheiro por causa do filho, foi a razão que bastou a Jonas para se afastar. Mesmo assim, continuava a gostar dela. Talvez se encontrasse com ela daqui a uns tempos. Mesmo assim, o verão continuava, fazendo um calor sufocante, era tempo de comprar uns óculos de sol e de usar umas lentes de contacto. Passaram os dias de maior calor, em que o continente se viu inundado por uma vaga de calor sem precedentes. Era inclusivé proibido fumar, não era preciso o governo decretar tal coisa. Jonas preparava-se para dar mais um passo na sua vida. Não, não ia casar nem arranjar emprego, pois sabia que estava sozinho demais para que tal acontecesse. Também não iria deixar de

fumar, coisa que adiava dias e dias. O dia a dia na região centro-litoral do país desgastara-o. Ainda para mais não tinha carro. Pois por esta razão resolveu ir até à capital do reino novamente, pelo menos estabelecer uma norma: passaria os dias de semana em Lisboa e os fins de semana junto dos pais. Agora preocupava-se com a saúde da sua mãe. Sabia que estando longe uns dias lhe poderia dar a liberdade necessária para ela passar uma velhice feliz. Desde 2004 que se agastara com a situação na aldeia. Muito pouco parecia muda. Mas Jonas não esperava gastar uma herança que poderia um dia vir. Agora não podia falhar, tinha de contar o seu dinheiro muito bem contado. Nada o atraía especialmente em Lisboa, aliás, sabia muito bem o que iria encontrar: pessoas perturbadas. Contudo, o único lugar onde poderia estar sem ser debaixo das saias de sua mãe seria ainda Lisboa, onde tinha casa. Isto porque os amigos havia dado à asa há já muito tempo. Talvez Bernardo fosse mais um deles, depois da altercação que haviam tido num feriado nacional. Jonas exaltara-se aparentemente sem motivo. Mas era toda a sua situação que o preocupava. Recorrer à religião, a antigos nomes que guardava em agendas? Não, a sua existência dali em diante iria ser pejada de dúvidas e mágoa por se terem esquecido dele. Mas não guardava rancor a ninguém. Nem mesmo às pessoas que lhe criaram ilusões, às pessoas que alimentaram os seus ideais. Não, não se estava convertendo em nenhum materialista ateu. Tendia a encontrar paz, aparentemente no meio de uma situação extremamente difícil. Onde outros teriam desesperado e feito mal a si próprio, Jonas aguentava firme, talvez por meio de uma ingénua crença de que algum dia alguém lhe reconhecesse algum valor. Mas não podia contar com isso, tal não aconteceria. Se aquele país continuasse por esse andar, a competição entre as pessoas não acabaria mais. Seria pessimista pensar assim para quem pensa que a competição não é saudável. Pois o problema é que Jonas fugia à competição. Mas resolvendo-se tornar a Lisboa, não estaria ele novamente disposto ao combate de todos os dias, ao maior de todos os combates, ter uma vida

normal? Lembrava-se do dia em que perdera a calma, entrara em pânico. Passaram dezenas de anos. Poderia ele voltar a encontrar a calma dessa infância, poderia ele voltar a ser testemunha dos acontecimentos em vez de ser um actor desesperado por manter o seu papel, desesperado por atenção. Jonas sabia o que o esperava: os dias passados uns após os outros, em espera, em procura de algo interessante para fazer. Tudo agora dependia exactamente do dinheiro que poderia gerir e a melhor coisa que poderia gerir agora já agora seriam as suas energias. Aacabavam-se os anúncios, os filmes que só o perturbavam, os livros por obsessão, as relações fáceis. O seu espírito iria entrar nesse manto diáfano que afaga o pensamento que é a velhice. Sim, ficara velho com toda a sua situação. É claro que surgirão outros personagens, outros enredos, mas enquanto não resolvermos o dilema que atormente Jonas, não o deixaremos descansado. Quando nos focarmos noutros personagens, quando tivermos o que alguns chama de inteligência e outros de boa vontade para com os outros, no vulgo, altruísmo, outros ainda de ingerência e uso dos outros como cobaias para intentos literários que mesmo depois de tudo o que nós nos deram a mostrar, que foi o mais puro egoísmo, acreditamos serem inocentes. Sabia o que iria encontrar em Lisboa, mas oxalá se enganasse Jonas. Oxalá o fio da sua vida se poderia estender ali, por entre as pessoas da rua. Ninguém o poderia acusar de falta de procura, de falta de emprego. Tinha procurado, batido a muitas portas, talvez precisasse apenas de falar com as pessoas certas. Ainda assim, cumpria a sua existência, resgatando-se todas as manhãs de noites de pesadelo. Os lugares eram os mesmos, seria preciso inventar a vida noutros moldes. O passado era para esquecer e embora estando a viver a mesmas casas de sempre, Jonas esforçava-se por mudar todos os dias. Faltava-lhe agora mobilidade. Estava pronto para outra aventura. E agora, mais do que nunca, tinha a certeza que não estava errando, sim, porque muitas vezes errou e pagou pelos seus erros, mais cedo ou mais tarde. Pensara que gostaria de livros para toda a vida, mas a verdade é que

estava já farto deles. Estava farto de tudo um pouco. Queria algo para além das vozes do passado, das loucuras que repetira, dos tormentos que infringira ao seu corpo e ao seu espírito e ao corpo dos outros e ao espírito dos outros, e de tudo aquilo que lhe haviam infringido ao seu corpo e ao seu espírito. E o problema não estava em fumar. Pois se havemos de falar de outras personagens que não Jonas, falemos então. Falemos da vizinha que desafia, da outra que é de Lisboa e dos vizinhos do bairro de Lisboa, que bairro não é nada mas pelo menos é mais sossegado do que outros, pois onde menos se espera, nomeadamente perto dos cemitérios, encontra-se vida e corações batendo. Falemos da aldeia que Jonas teve por morada e do destino em que se conjugou a morte de uma tia com a visita a uma feiticeira e com o reatar de uma relação com uma namorada que lhe deu um ultimato de lhe oferecer um anel de noivado e que Jonas levou a ver pornografia pois que nunca mais se decidia em deixar de ser virgem, ainda que com alguém da família, sobretudo com alguém da família. A Jonas poderiam acusá-lo de incestuoso, de incendiário, contudo ele estava disposto a mudar de direcção, a mudar, não é isso que as pessoas maduras fazem? Não, agora que Jonas ia perdendo o vigor físico, não esperava ser o fim. Sofrera demasiado para se render. Agora queria uma clara vitória, queria que não o chateassem, queria viver a sua vida finalmente, emocionalmente longe da irmã e da mãe, para que pudessem ambas respirar. A partida para Lisboa para falar com Nur estava para dias. O inquilino decerto que, jovem simpático, como era, não se importaria de estar na mesma casa com um casal. Jonas iria visitar Nur e fazer-lhe o convite. Poderia ser que em breve viesse a pensão e já era mais algum dinheiro. Nur sabia cozinhar e isso era importante para Jonas que só sabia estrelar uns ovos. Com o tempo podia vir um emprego para ambos e a melhoria de vida. Mesmo que não casassem, mesmo que Jonas continuasse à procura da mulher ideal, gostava de Nur e poderia amá-la se a conhecesse melhor e podia até casar. Daí o pai de Jonas poderia ajudá-lo e dar-lhe um carrito ou algo para ajudar. Esta

era uma maneira de fazer as coisas. Não, Jonas estava disposto a viver uma vida calma. Não tinha condições para estar na berlinda todo o tempo. Era a vez do *low profile*. Antes, porém, de continuarmos o nosso relato, temos umas coisas a dizer a outros povos. Não porque nos julguemos superiores por ter empreendido as descobertas ou a miscigenação cultural, mas porque, como os espanhóis e os franceses e outros, nos consideramos iguais a outros povos sendo contudo deixarmos de reivindicar o estatuto de diferentes. Há, portanto, direito a um sonho português, como há direito a um sonho americano. Mas não é contra a nacionalidade americana que nos rebelamos, não nos rebelamos contra ninguém em especial, os nossos desejos são tão válidos como outros e não vejo porque é que vem um americano qualquer dizer que os portugueses têm má imagem, pois os americanos é que têm má imagem e a sua filmografia não é insuperável. Para já. Porque depois, a nível social, a coisa tem muito que se lhe diga. Há injustiças gritantes do outro lado da América. Talvez seja por ver os outros espalharem-se que os europeus são mais cautelosos. Ou talvez seja simplesmente a experiência histórica, a experiência de conhecimento de outros povos e culturas que traga isso. O facto de o autor se concentrar num só personagem poderá ser acusado de egoísmo literário. Não será antes mais honesto repartir o mal pelas freguesias? Pergunta interessante. Pois pensemos nas personagens e na sua legitimidade, inclusive da de Jonas. Se a vida do autor condiciona o que ele escreve, também os outros, a sua envolvência, o condiciona. Neste aspecto Jonas não é mais do que um produto. Mas regressando à nossa história. Lisboa não passa de uma miragem, de um amontoado de gente engavetada, onde Jonas pôde viver uns tempos, mas onde não se tem a noção de território que encontrava na aldeia. Muitas tardes eram chatas, decerto. Mas a partir do ponto em que podemos prestar atenção ao que se passa no tempo não devemos preocupar-nos? É que há contrastes gritantes aqui neste planeta e se um filme o ilustrou esse filme é *Magnolia*, ou série da TV como *Serviço de Urgência* ou *24 horas*.

Produções americanas, pois então. Mas Jonas também um dia quis ir para os Estados Unidos. Não seria melhor ficar por cá e tentar melhorar as coisas, como um quadro que se melhora a pouco e pouco? Pouco tiveram a coragem de dizer tanto com tão pouco ganho. No entanto, Jonas continuava a sua jornada. Talvez estivesse ainda dentro da baleia e o que visse fossem vestígios da vida lá fora. Esse é o grande mistério. E sem emprego poderia Jonas conhecer alguma mulher? A pouco e pouco, depois da idade ao médico para refazer a sua medicação, retomavam as coisas a normalidade. Tinha estado dez dias de inferno em casa e agora preparava-se para ir de novo sair de casa todos os dias, fazer alguma coisa. O objectivo Lisboa não estava afastado dos seus intentos. Se conseguisse reunir algum dinheiro era o que faria mais tarde ou mais cedo. No entanto, como se as coisas se tardasse em resolver, Jonas permanecia nos seus intentos de conseguir alguma coisa na vida. De um lado tinha um passado em que nem sempre, muitas vezes mesmo, não fora coerente. Mas agora procurava outro caminho. Isolado com a família, procurava encontrar uma paz naquele lugar de Riachos, uma paz de mente que não se encontra facilmente, mas que também não se perde facilmente. Na sua mente, desenhavam-se contornos insuspeitos de uma fantasia que nunca se iria cumprir, contudo era sozinho que havia criado os problemas, mas não podia sozinho resolvê-los, de uma maneira sim podia, mas de outra tinha de ir de encontro a uma ajuda que só com diálogo e psicoterapia se poderiam encontrar. Ele sabia algures que lhe aguardava a felicidade, talvez estivesse tardando em encontrá-la. Seria a felicidade que procurava quando se havia perdido tantas e tantas vezes? Contudo, permanecia parco de rendimentos, com aquilo que a família ajudava, não suspeitando que se podia uma vez mais escrever história nesses dias de verão do princípio do século XXI, num país chamado Portugal. Não tinha contacto com uma comunidade, fosse ela científica, fosse de escritor, nem pressa tinha em se instalar em Lisboa para que isso propositadamente acontecesse. Não era isso o mais importante.

Antes de poder se dar a conhecer ao mundo tinha de se encontrar. E que melhor atitude senão falar dos seus encontros e desencontros com a vida, com os outros? Talvez fosse uma via pela qual se poderia enveredar. Iremos, portanto no nosso relato, dar conta de como Jonas se terá reencontrado com a vida e com o futuro, enquanto fazemos entrar outros personagens que por razões naturais entrarão na narrativa. Jonas procurava, portanto, uma vida mais saudável, um caminho novo e porquanto não pudesse mudar o homem da máquina nem se pudesse mudar a máquina do homem, nela continuaria a ser relatadas as peripécias através das quais a personagem se procurava relacionar com o mundo. Aqueles dias de Riachos eram passados com sua mãe e seu pai, na companhia de um sobrinho bebé, a que daremos o nome de Hélder. Talvez tivesse Jonas sonhado que a solução para o seu caso, que poderia evidentemente ser um caso clínico-literário estaria na mudança de hábitos de vida. O futuro diria se seria um caso mais clínico do que literário. Enquanto isso, Jonas aproveitava um tempo em que ficara só para prometer a si mesmo que se esforçaria mais no futuro. Em todo o caso, se a vida era nas suas imensas probabilidades de correr mal, ser preenchida com erros e mais erros de estratégia, continuava a vida a dar a Jonas algumas oportunidades que valia a pena aproveitar. Antes de mais, embora não tendo à data namorada, tinha a possibilidade de viver uma vida simples e saudável. Não vamos dizer mais ao leitor que o espaço de manobra de Jonas era o que um país contém. Ainda assim, para este artista, era dado poder sair do país como um visitante eventual de outros países. E se mantinha a curiosidade em ser considerado pelos seus escritos, já não alimentava quanto ao seu pensamento, cheios de curvas, acidentes e contracurvas. Talvez fosse tempo também de relativizar todo um conjunto de coisas. Não tinha pressa em publicar os seus escritos, sabia que um dia tal poderia vir a acontecer e tudo o que poderia agora fazer seria registar a sua vida, os seus pensamentos, não porque desdenhasse o cinema ou outras artes, mas porque via ainda na literatura uma certa coerência

do seu caminho pessoal. Num mundo onde criar exige conhecimentos, manobras, dinheiro, a literatura, fosse de que género fosse o que ele escrevia, parecia-lhe como de imediato o meio mais lógico e natural. E tinha acabado a guerra que alimentava contra quem contra ele se confrontasse. Havia de poder perder esse velho hábito de desperdiçar as suas ajudas e deitá-las fora como se lixo se tratasse ou como se na vida as oportunidades poderiam ser muitas, porque é claro que não esperava Jonas nenhuma milagre para a sua situação. Tal milagre não tinha acontecido até então, e se tivesse acontecido algum milagre tinha sido o de não fazer mais mal a si próprio, o de manter-se vivo e actuante, desperto para o que acontecia na sua relação com o mundo, na sua relação com os outros. Não queremos dar a ideia até agora subliminarmente avançada de que o mundo gira em torno desta personagem. Jonas é a voz mais sonante de um conjunto de vozes que contamos apresentar adiante-mente de uma forma ou de outra. David, um amigo de Jonas, confessara-lhe numa tarde de verão numa viagem, o como tinha pena de sua mãe, daquilo por que a tivera feito passar, da imagem que dela tinha e na morte que os rodeava como um silvo mortífero na paisagem. Sua mãe morava em Riachos e tinha aparentemente uma vida feliz e realizada. Como se tivesse dado a David uma educação moralmente apertada, talvez por excesso de zelo, David aventurar-se por caminhos que nunca antes pensara para si e nos quais encontrava desespero e angústia. Confessava a Jonas que apenas procurava uma solução, quando o mais que podia fazer seria viver a sua vida como se nada tivesse acontecido. O problema é o que aconteceu e porque aconteceu ou como seria se tal não tivesse acontecido. Mas a verdade é que ao que aconteceu não podemos nós modificar os termos, apenas imaginar cenários alternativos e paisagens distintas daquelas que povoavam a mente de David. Aqueles dias em que uma mudança de medicamentos havia sido mal feita, bruscamente, David procurava uma paz de espírito e a hipótese de poder, através nomeadamente da homeopatia, poder vir a viver sem medicamentos. A sua

mente precisava de uma mudança radical, de uma limpeza e disso lho aconselhara o seu amigo Jonas e o próprio médico. Acabavam-se os “se” ou os “como” ou os “porquês” das questões. Ele apenas procurava alguém para o poder reencaminhar depois de trinta e seis anos de vida e sofrimento, de anos e anos de medicação. A sua mente não era nenhum laboratório e em breve poderia colocar ao seu médico a questão de os abandonar progressivamente. O fim de qualquer uma destas personagens será a morte física. Assim se fará justiça e homenagem a cada um deles. A começar com Jonas e David. No dia em que ficara só em casa durante aqueles dias apercebia-se de certas coisas que lhe afloravam ao seu espírito. E se houvesse um complô para o liquidar? Sim, eliminar fisicamente da face da terra, deixar que ele fumasse cigarros após cigarros ou bebesse água envenenada! Todas estas cogitações tinha Jonas para com ele próprio. Suspeitava que planeavam fazer-lhe a folha, hipotecar o seu futuro. E tais suspeitas vinham já de longe, desde os primeiros tempos de faculdade, em que foi sendo preterido em favor de outros. Não, não queria nenhuma espécie de vingança. Não tinham ainda cometido nenhum crime contra ele. E quem além de alguma coisa poderia querer o seu mal? Só se fosse para o punir de um comportamento que tinha tido no passado. Ou pelo simples prazer de fazer mal. Seja como for, Jonas vivia nesse sobressalto de que não podia fugir de haver alguém algures que o queria ver morto. Sim, a vida destas personagens vai caminhando para o fim e desta vez não há falsas mortes, ou diz-que diz-que. Elas só pelo leitor poderão ser ressuscitadas. Pena é o sofrimento que em todos estes anos Jonas infringiu aos seus familiares. Mas, de algum modo, ele seria talvez a primeira vítima. E outras pessoas haviam morrido já por causa desta peste que se instalara em Riachos e que ameaçava espalhar-se pelo país e península Ibérica. Sim, porque as más notícias sabem-se depressa, bem como as boas, que não se sabem depressa e parece que muitos as guardam para seu usufruto pessoal. Na verdade, Jonas havia perdido o sentido da vida. Andava errante de cigarro em

cigarro num diminuto espaço. Podiam de facto prendê-lo ou interná-lo, ser sujeito a maus tratos, porque mais do que ele já tinha sofrido não poderia sofrer. Todos os tormentos de uma juventude roubada, das negas de emprego, das portas que se lhe fechavam a partir de certa altura. E como escapar a esta conspiração? Como uma saída fácil? Sabia que estaria a cavar a sua própria sepultura. Jonas já o suspeitava desde há muito que as palavras não o salvariam, mas pelas palavras morreria. Sim, pode-se dizer mais alguma coisa. É permitido dizer, por permissão geológica à mãe natureza? Talvez a natureza ou o próprio Deus nos permitam a nós homens, dizer toda a espécie de coisas para não chegar a conclusão nenhuma. Pois a conclusão a que queríamos todos chegar seria que há vida para além da morte. Não falo da humanidade em geral, pois não é minha pretensão abarcar tão grande número de pessoas. Falo sobre mim colocando a interrogação a cada um de nós a quem são permitidas ler estas palavras: poderá haver, para além da morte individual, da morte física, vida de alguma forma? Esquecer-nos-emos nós que a resposta a essa pergunta poderia implicar muita coisa de mudança na vida do mundo actual. Não tinha Jonas argumentos para se dedicar à questão, muitos haviam antes dele gasto o seu tempo vital em procura de uma resposta para esta questão. Pois essa resposta só chega depois de se estar morto. Para aqueles que encontrarem um corpo inanimado e sem alma, será o fim, para o próprio indivíduo pode ser o princípio de qualquer coisa. Sim, porque Jonas acreditava que a morte física por si só não significava que se perdesse tudo. As religiões haviam mostrado que havia vida depois da morte. Antes do mais, diga-se que Jonas acreditava nisso. Sim, acreditava numa espécie de remissão e juízo final em que tudo seria avaliado. Nisto, como em muitas outras coisas, os homens não se entendiam. Uns acreditavam, outros não acreditavam, conforme as experiências de vida e sua herança cultural. Mas a convicção de que tudo um dia será diferente não depende de um trabalho que se faz ao longo da vida? Não depende de um diálogo que o sujeito tem para consigo próprio ao lado

de anos de convivência com o corpo? Não depende, ainda assim, de uma certa forma de consciência do universo? Não depende do conhecimento? Seja como for, Jonas nada ganhava de material com estas preocupações. Continuava desempregado, sem perspectivas de encontrar alguém com quem passar o resto da vida que não no seio da sua família, sem perspectivas de futuro, de realização de sonhos. Sonhos? A quem seria permitido ter sonhos num país onde a televisão controlava a vida das pessoas? Sim, talvez fosse excesso de noticiários, de filmes, disso enfermava Jonas. Tinha criado um mundo virtual que não correspondia em nada ao mundo real. No entanto, esse mundo era tão real para ele quanto o mundo das outras pessoas o era para elas próprias. Em todo este tempo, Jonas falava pouco. Talvez devesse falar mais com a sua família. Talvez tivesse perdido o jeito de amar. Avançando nós, pois que ao leitor apenas interessa talvez o que o autor diz de acordo com a sua experiência pessoal, podemos dizer que o objectivo do escritor não consiste como se poderá prever em gerar palavras, mas gerir no seu silêncio as palavras e dizê-las na altura certa. O que está para se ver é os dons de fala do mesmo escritor e porque alguns falam muito e outros falam pouco. Talvez tudo dependa da forma como vemos socialmente a nossa vida, o nosso destino, a nossa missão. Numa Lisboa escura e soturna, lembra-se David de conhecer uma moça numa sessão de Yoga que possuía um defeito visual. Porque é que o rosto dessa jovem não lhe saía da memória, sim, não se evadira como grande parte de memórias positivas da sua vida passada, quer dizer, daquilo que ainda poderia de alguma maneira ou de outra, lembrar, trazer à consciência? Sim, porque muito lixo David tinha acumulado na sua cabeça e isso já Jonas lho havia dito, já o médico o havia dito, já uma moça lhe havia dito. Jonas, ao contrário de David, acreditava que uma espécie de remissão ainda era possível a David na sua vida. Aos dois, à sua amizade. Acreditava que a remissão viria da alma de quem lesse estas palavras, contudo não era para se justificar que se descreviam estes factos, não para explicar,

para simplesmente dar conta de uma situação, de uma época, de um certo país. Talvez pela palavra, dita, ou vida, escrita, esperavam estes personagens algum tipo de remissão. No entanto, depois daquele dia em que vira o rosto desesperada de sua mãe e o seu esgar de dor pelo sofrimento por que estava passando, Jonas apercebeu-se que algum tipo de fim estava a chegar. Talvez precisasse de deixar morrer o Eu para nascer um novo Jonas, mais positivo, mais aberto às possibilidades da vida. Talvez. Aqueles dias de sofrimento haviam chegado ao fim. Contudo, um novo problema apareceu: Jonas estava impotente. Devido a muitos factores, como a depressão, o esgotamento físico e psíquico, a toma de medicamentos com os quais procurava a saúde mental, o tabaco, o sentimento de culpa pela masturbação e pelas relações à pressa, tudo concorria para que Jonas estivesse assim. De facto, não sentia nada, era como se não tivesse nada entre as pernas. Entrou em pânico, andou assim umas horas, mas apercebeu-se depois que para resolver o problema tinha de fazer uma mudança radical nos seus hábitos de vida. E deixar de fumar. Mas como, se estava numa aldeia de fim do mundo, longe da civilização? Como era possível mudar? Assim sendo, resolveu por o problema ao seu psiquiatra, falando-lhe da hipótese de reduzir ou mesmo deixar os medicamentos. Na última consulta, o médico havia-lhe aconselhado terapia dinâmica, mas Jonas pensava que precisava de tudo um pouco: terapia sexual, psicoterapia, osteopatia, terapias naturais. Ainda assim, pensava que poderia conhecer alguém para quem pudesse ser importante. Já tinha a família, é certo, mas ele queria alguém para quem fosse importante, a quem pudesse dar amor, com quem pudesse construir uma vida em comum. Na realidade, tinha de ter muita paciência consigo próprio: não tinha emprego, não tinha carro, não tinha namorada, mas tinha-se ainda a si mesmo e à sua família. Tinha a impressão de que nos seus problemas não estava só neste mundo.

Passaram dois meses. Jonas esteve perto da morte a ponto de a reconhecer e chamar pelo seu nome. Os pais estiveram na Nazaré uns dias, uma semana,

mais alguns dias noutra semana. Jonas ficara em casa, pouco saíra depois de ter os sobrinhos em casa três semanas. Nas duas semanas que passaram após isto, praticamente não saíra de casa. Deixara de escrever, havia um bloqueio qualquer. Talvez estivesse pensando “não vale a pena escrever mais enquanto não publicar alguma coisa”. O certo é que enviou algum material para duas editoras e três escritores, mas o tempo passou e não lhe disseram nada. Arrependeu-se de ter sido tão sincero para quem nem sequer conhecia, para quem não conhecia o Jonas de Riachos. Seja como for, estava decidido a sair todos os dias de casa. Em busca de emprego ou qualquer outra coisa para fazer. Não Jonas não estava no auge da sua carreira, não tinha casado, não tinha casa, não tinha carro, não tinha namorada. Nem tinha dinheiro. Tinha uma dívida para com um amigo de infância, tinha de fazer qualquer coisa. O que é certo é que regressava a casa todos os fins de tarde. Não, Jonas não estava no auge da carreira nem era assediado pelas suas alunas, não tinha o conforto ou a inimizade dos colegas de trabalho, o tédio do trabalho, não tinha um lugar onde o pudessem reconhecer e chamar de doutor. Uma vez por outra pensava nas oportunidades perdidas. A de fazer vida com uma colega de curso. Contudo, essa oportunidade perdida magoava-o. Não podia agora fazer nada. Em nome de uma teimosia ou do simples desejo de estudar, perdera a capacidade de amar, vira o amor passa-lhe à frente como um copo de água no deserto. Vira a felicidade passa à sua frente e não fizera nada para a agarrar. Agora era já tarde. Não podia acreditar, muitos dias depois, que viesse a encontrar a mulher da sua vida. Isso é coisa que não existe. Simplesmente estava cansado de ser ingénuo e acreditar no amor idealista. Contudo, não conseguia amar de outra forma. De modo que esperaria para sempre e procuraria para sempre esse amor de infância e juventude, que deixou voar, que deixou perder como sangue das suas veias. Depois, não tinha tido necessidade de certas coisas. Não, não tinha tido necessidade de frequentar prostitutas. Era antropólogo, não tinha necessidade. Nos dias quentes em que

percorria a cidade de província, passavam diante da sua mente imagens das jovens que havia podido conhecer e fazer vida com uma amargura, como se se tivesse tratado de uma injustiça. Simplesmente, nas coisas do amor não há que ser ingênuo, há que agarrar o amor com as duas mãos sem hesitar. Entretanto, bem longe dali, as jovens casavam-se e esgotavam oportunidades de ser felizes. Um continuavam casadas, outras haviam-se separado. Algumas tinham mesmo filhos. Quanto a Jonas, não havia encontrado a sua princesa. Encontraria talvez um dia destes alguém com quem pudesse fazer vida em conjunto? Não alimentava grandes esperanças, mas também não ficara parado no seu orgulho à espera que alguém lhe dirigisse a palavra, embora depois de tantos trabalhos e dias negativos, tanto desespero e ansiedade, ainda acalentava a esperança de conhecer o verdadeiro amor. Era uma tática para não perder tudo de uma vez, mesmo a esperança de viver. Acreditar era uma tática, como se não aguentasse a verdade da realidade, como se negasse a realidade. Simplesmente já não acreditava que uma mulher lhe dissesse “não fumes, façamos amor, hoje, amanhã, depois, até sermos velhos”. Por isso fumava uma dezena de cigarros por dia, consumido a sua vida, as suas esperanças. Todavia, Jonas aprendia a gozar os momentos como se cada um deles fosse o último. A sua vida estava presa a poucas coisas, no entanto essas coisas eram suficientes para ele acreditar que o amanhã iria ser diferente, para si mesmo e para os outros. Decerto que já pessoas conhecidas e com as quais havia travado diálogo havia já morrido. O velho Jonas havia também morrido e aquele que tinha recordações de uma vida anterior era uma imagem duplicada do Jonas que fora um dia um jovem. A sua vida não tinha o sucesso e a espectacularidade de outras, contudo, uma coisa era certa: ele havia persistido onde todos o julgariam morto, havia quebrado todas as barreiras sem precisar de dormir com todas as mulheres. A pouco e pouco a sua escrita ressuscitava. Não estava disposto a mostrar o filme da sua vida, pois decreto que haveria cenas censuráveis. No entanto, por isso mesmo, o seu filme

poderia integrar a categoria das tragi-comédias portuguesas do princípio de um novo século, de um novo milénio. Tanta coisa se passara e de que Jonas fora testemunha televisiva. No reino de Portugal, a sua responsabilidade podia medir-se pelos seus rendimentos. Não tinha nenhuma ambição espiritual desde que lera a notícia de uma jovem que entrara nos jogos mentais de uma seita religiosa que se dedicava à meditação. Sabia que estava ainda que sem emprego, no país certo, no lugar certo. Dali a um tempo voltaria a Lisboa não para ser reconhecido na rua, mas para viver uma vida normal até ao fim dos seus dias. Não lhe importava já o destino dos seus escritos, importava-lhe estar presente quando os seus pais soçobrassem e que pudesse receber o testemunho para simplesmente o poder transmitir a seus sucessores. O seu destino era assim uma coisa muito familiar. No entanto, tinha a impressão de ter estado sempre longe. A pouco e pouco aprendia os segredos de uma vida feliz. Tinha as coisas simples e de repente podia ser feliz e todo o seu passado errante e solitário poderia deixar-se inundar de uma luz, sendo esse o caminho mais fácil para a felicidade. De repente, parecia poder compreender o que lia nos livros sob uma nova perspectiva. Entrara finalmente talvez na idade adulta e confiava às palavras a missão de fazer perdurar os seus sentimentos e emoções bem para além da sua vida. Em alguns momentos, muito do que vira e que seria censurado no filme da sua vida, deixava de ter importância, mesmo sabendo que havia visto em conjunto com uma namorada sua que mesmo assim não compreendera o ridículo de continuar virgem até ao casamento. No entanto, respeitava a vontade dela e por isso talvez se tenha afastado. Este livro não pretende ser um tratado de moral nem um comentário a um filme obscuro, não pretende ser nada. Simplesmente existe como reflexo da vida de Jonas e da sua experiência de contacto e envolvimento com as coisas do mundo, numa persistência o bastante válida para ser tomada em conta por outras pessoas. Essa persistência residia em acreditar no valor e efeito da palavra escrita. Claro que Jonas acreditava também na palavra dita e ouvida,

mas era sua missão deitar cá para fora palavras e frases para mais tarde serem lidas por outra pessoa em silêncio ou em voz baixa, como se segredássemos um sussurro ao ouvido de alguém conhecido. Ainda assim, a sua vida passada tinha tido coisas absolutamente arriscadas e que não aconselhava repetir. É no confronto com os outros que vamos aprendendo a ser como somos na realidade, assim nos aprendemos a conhecer. Aquilo contra o qual Jonas lutava seria talvez o esquecimento. Não gritara a alta voz o seu nome, antes o guardara para uma ocasião mais privada e talvez tenha pecado por não fazer da palavra dita a verdade do seu pensamento. Ainda assim, aprendia a respeitar os outros e concedia a si próprio a liberdade de poder ser feliz, apesar de não ter sido um indivíduo com sucesso. Jonas sabia que não iria morrer naquela noite, que estava seguro naquele território da Europa. Mas não por muito mais tempo, não poderia abusar da sorte. Então, todos os seus momentos futuros seriam aproveitados no pensar de histórias que escreveria. Procurava pois a partir daquele momento, as histórias mais do que as suas, as dos outros e até que ponto lhe tocariam essas histórias ao seu coração. Isso seria um acontecimento a que valia a pena assistir. Na verdade, também os outros haviam sido testemunhas da sua vida e embora fosse triste a muitos estar na situação em que estava, não iria matar nem roubar para melhorar a sua situação. Não o fizera até ali, não via razão para o fazer futuramente. Jonas nada tinha a provar face à sociedade. Conquistara uma paz que não sentia havia muito tempo. E queria que essa paz durasse o mais possível. Não era certo que iria durar, mas se lhe era permitido vivê-la, pois sentir-se-ia muito agradecido a quem quer que fosse. Jonas ouviu naquela noite dos primeiros dias de Outono de 2006 os últimos sons de uma música que atravessava a noite. Fumava um cigarro nessa noite. Dali a pouco estava a ler na cama. Amanhã acordaria talvez mal disposto, zangado por ser amigo da noite e por ela não durar mais tempo pois mais poderia escrever sobre o dia. Jonas escrevia na sua solidão de 36 anos. A sua voz não se ouvia naquela noite

senão para dizer as boas noites à sua mãe. Telefona a uma amiga para combinar qualquer coisa para o dia seguinte. Deita-se na cama lendo Paul Auster. Sente que as palavras do autor e A Trilogia de Nova Iorque não são inacessíveis, sente que aquelas palavras podiam ser escritas por si, sente que aquelas palavras poderiam ter sido vividas por si. Nova Iorque não está assim tão longe. E que melhor homenagem se poderia fazer ao autor senão dizer-lhe isso mesmo, que as suas palavras havia tocado alguém longe e que haviam ganhado vida num lugar distante e insuspeito? No dia seguinte, o rio ia cheio de água. Estava bom para pescar. Em criança, Jonas e seus amigos haviam pescado naquele rio de Riachos, tardes inteiras, até que o rio foi perdendo caudal e a poluição se apossou do seu ritmo levado pela água. Actualmente passava por cima do rio praticamente todos os dias. Na cidade mais próxima, aparentemente tudo estava na mesma. Jonas surpreendia-se a si próprio nessa capacidade de prever os acontecimentos, de ver as coisas e as pessoas em movimento perpétuo de decadência. E ele, embora deixando crescer a barba, não estava disposto a alinhar nesse tipo de decadência. Recusava-se a admitir fatalidade que outros não combatiam. Acreditava Jonas que somos os arquitectos das nossas próprias vidas. Custara-lhe sair de casa nessa tarde. Nada de objectivamente significativo lhe havia acontecido. Porém, estava numa impaciência tremenda por não ter um trabalho onde se dirigir todos os dias da semana. Não podia, todavia, entrar em pânico, ainda estava com domínio dos seus pensamentos. Fora um jovem especial, sempre em circunstâncias especiais, e que de alguma maneira se havia ligado a coisas sem interesse, a imagens, a gestos alheios, ficara prisioneiro dessas imagens e elas bem o poderiam matar se não tivesse cuidado. Havia que substituir essas imagens por outras. Sabia que havia adiado o seu desejo bem para além dos 19 anos. Havia aspectos negativos e positivos nesse adiamento, mas seja como for, não podia voltar atrás, àquele sentimento de perda e solidão em que habitava o velho Jonas. De repente, não era importante ser feliz. Não era esse

o objecto das suas pretensões sentimentais. Tudo se registava e Jonas estava disposto a apontar o fruto das suas observações, acontecesse o que acontecesse. Chegava de sentimentos auto-destrutivos, o seu corpo iam progressivamente dando-se conta de que poderia progredir fisicamente em direcção a um determinado objectivo. Via jovens com empregos seguros e bem pagos. Via jovens estudando não se apercebendo de quão difícil pode ser conseguir um emprego decente. Jonas já não tinha pena de si próprio. Nem agiria mais em resultado de sentir pena de si próprio. O certo é que estava isolado e todos os dias tinha de romper com esse isolamento, fingir que não se passava nada. Pois, havia outros que não estavam nada mal. E Jonas ainda lutava por um lugar ao sol. Telefonara à tarde à sua amiga Inês. Iria passar a tarde de um destes dias com ela. Estava ansioso para voltar a falar com ela. Havia uns problemas entre eles dois que importava esclarecer. Naquele dia, Jonas trouxera mais um livro de Paul Auster. Tinha consigo algumas coisas de psicologia, nada de especializado, obras de divulgação. Estava ponderando dedicar-se à saúde mental, à psicologia, por uns anos. Sempre adiará esse propósito. No entanto, como se fosse difícil encontrar emprego, podia ser um bom psicólogo. No mercado de trabalho era muito difícil a um antropólogo encontrar emprego. Além do mais, Jonas já sabia o que iria fazer quando fosse velho. Tinha ainda activa a inscrição em filosofia. Faria psicologia, encontraria um emprego depois de três anos de estudo, faria filosofia quando fosse velho. Nada mau ter estes projectos. O estudo dava-lhe ânimo, no entanto no mais imediato, tinha de encontrar um emprego que lhe desse rendimentos. Ainda mergulhado nas memórias de um passado doloroso, a nossa personagem principal procurava um caminho ainda por entre a selva de pensamentos e impressões do mundo concreto. Não se encontrava particularmente apetrechado em termos de armas para fazer face a alguma eventualidade de última hora. Trazia consigo o seu ânimo e sua força física, pelo que estava vulnerável a ataques de feras e animais selvagens. Era fácil procurar na sua

mente um pensamento para ficar bem disposto todo o dia, porém essa tarefa de se animar a si próprio não era a principal preocupação de Jonas. Tinha-se esquecido naqueles dias de muita coisa. Mas não se tinha esquecido do tempo perdido em confusão sobre si próprio. A pouco e pouco, a terapia que se encontrava a fazer com um psicólogo estava dando os seus resultados. Jonas queria acreditar que sim. Que se podia redimir dos maus momentos e dias passados em Lisboa e em casa dos pais ocupado no desprazer de si próprio, no absurdo, naquilo que não tinha sentido, num motivo íntimo que não podia ser partilhado. Por uma razão que desconhecia, Jonas considerava-se ainda como um indivíduo com alguma sorte no meio de tanto azar. Seja como for, não mais voltaria a ter 14 ou 18 anos, não mais voltaria a ter 25 anos. Contudo, isso não era o mais importante. Mas como é que se pode nascer sem nunca ter morrido? Como se pode renascer? Esse contacto com o mais obscuro da nossa mente, com todos os medos, pode algum dia ser redimido por algum sentimento projectado no futuro? Seja como for, Jonas não procurava pretextos para escrever. O que ele dizia ao papel era o resultado de alguma vida, não somente hipóteses, ele escrevia depois de viver, não antes. De uma maneira ou de outra, ele havia falhado em momentos importantes. Estaria condenado a escrever pelos cantos, a fumar pelos cantos, sem que ninguém ouvisse e se solidarizasse com os seus sentimentos? Naqueles dias seria fácil fugir, seria fácil dar a mão à palmatória, esquecer tudo. Seria o mais fácil, esquecer. Mas Jonas não estava disposto a esquecer, ele queria recordar para compreender porque razão lhe haviam acontecido certas coisas, porque razão fizera tão mal a si próprio. Como podia ele esquecer o sofrimento por que havia passado em várias ocasiões. Simplesmente, talvez essas coisas não se expliquem, talvez o mais importante é continuarmos um caminho em vez de procurar explicações.

No início era a simples curiosidade, não fazia mal experimentar. Só que com o tempo e a solidão, aqueles momentos e tentações iam-se repetindo, fazendo

com que Jonas ficasse mais e mais escravo daquelas situações. Quando aquela verdadeira doença atacava, era muito difícil resistir. Tratava-se de uma dependência, como a droga. Jonas simplesmente havia implantado na sua mente imagens que se repetiam dia após dia e que os escravizavam. A questão punha-se mais uma vez? Porque é que Jonas não conseguia arranjar uma mulher? O que é que se passava de tão grave com ele que não merecesse o amor de uma mulher? Seria apenas por não ter emprego? Não podia acreditar. Estava deveras perplexo com a situação. Anos e anos a fio, tinha recorrido a essas imagens para alimentar a sua imaginação e a sua sede de obsceno. E aquilo era como um vírus, que atacava e não se saciava enquanto não visse a alma destruída. Afinal de contas, o seu problema era simples. Tudo se resumia a encontrar alguém que amasse e com quem pudesse viver. O seu calcanhar de Aquiles era na verdade o sexo, a atracção por mulheres. Só que a realidade não lhe bastava, ele procurava algo de mais complicado, como as imagens. Como lutar com palavras contra imagens? Que outras imagens poderiam substituir aquelas. Era isto que preocupava Jonas. Em todos estes anos, não conseguira manter uma namorada, algo de estranho, de muito estranho e complicado se passava com ele. Como conseguira manter-se durante dez anos sem trabalhar? Certamente alguma coisa o sustinha e que não tinha nada a ver com o simples desejo de satisfação sexual. Quando não havia satisfação sexual, o que é que o preenchia, com que verdades se satisfazia? Aparentemente, nada poderia substituir aquelas imagens mentais. Nada parecia ser mais forte do que aquele vírus. Talvez precisasse de mais auto confiança, de mais auto-estima. O verdadeiro Jonas sobrevivia por debaixo de uma capa de aparências. Mas havia qualquer coisa que não jogava bem. Quando Jonas não se preocupava com o desejo, elas não queriam saber. Quando Jonas se passou a preocupar, elas não queriam saber. Havia qualquer coisa que não batia certo, qualquer coisa que lhe escapava. Jonas havia vivido todo este tempo na escuridão da descrença e do pecado e quando acordava de manhã tinha saudades dos

tempos em que ia para o trabalho manhãzinha e chegava a casa ao fim da tarde com a sensação do dever cumprido. Há muito tempo que não sentia isso. Seja como for, não seria isso talvez o mais importante. O que preocupava Jonas era se iria arranjar trabalho e quando. Como é que ele se havia se sentir se há dez anos que não tinha trabalho. Que tipo de sentimentos deveria ele acalantar em relação ao futuro quando lhe negavam a oportunidade de trabalhar e com isso a dignidade? Algures nalgum tempo havia-se esquecido dele. Não, não era ele que se auto-excluía. Havia qualquer coisa nele que podia não inspirar confiança. Para começar, porque é que se havia auto-excluído aos 14 anos indo para um seminário? Porque é que não lhe disseram a tempo que ele estava errado? Porque é que na universidade permitiram que se masturbasse durante três anos sem conquistar nenhuma moça? Como pôde Jonas ter aguentado tanto sofrimento? Ainda assim, depois disto, Jonas esperava ingenuamente alguma coisa da parte dos outros. Porque não tinha direito a um emprego, a uma carreira, a um percurso, a um caminho como todos os outros. Como era suposto sentir-se no meio de tudo isto? Como era suposto sentir-se com as migalhas dos outros? Uma crescente revolta desenvolvia-se dentro dele. Afinal de contas, haviam enganado Jonas. Ele tomara os medicamentos, mantinha a esperança de encontrar trabalho, apaixonar-se, ter dignidade. Mas ninguém parecia preocupar-se. E porque é que as mulheres que conhecera haviam troçado e usado o seu corpo, deitando-o fora como se qualquer coisa de descartável se tratasse? Havia qualquer coisa que não batia certo em todo este cenário. Não, não havia nada de mal com Jonas. Ele não estava errado, as coisas à sua volta é que estavam erradas. Afinal de contas ele tinha feito tudo o que lhe aconselhavam fazer. Seja como for, estava revoltado. Como ousavam tratá-lo assim? Seja como for, Jonas não sabia agora o que fazer. Não adiantava puxar pela cabeça, pois nenhuma ideia luminosa iria modificar a situação. Teria de conquistar a pulso o futuro, ainda não estava derrotado, sentia que lhe haviam feito perder

energias e que toda aquela situação o esgotara, física e psiquicamente. Como havia de se sentir numa aldeia, sem acesso a praticamente nada, longe de tudo o que era importante? E porque é que Jonas em todo esse tempo não havia feito mal a ninguém. Onde podia guardar a raiva que sentia por ser tão injustiçado? Seria fácil pensar que o problema era seu, que ele deveria fazer tudo sozinho, que deveria ter feito as coisas de outra maneira. Seja como for, agora já não ia a tempo. Seja como for, o mal já tinha sido feito. Por isso Jonas pedia justiça. Um emprego, o direito de amar e ser amado, tudo o que os outros tinham, a possibilidade de lutar com os outros de igual para igual. Tinha a impressão forte de que todo esse tempo haviam gozado com ele. Ainda assim, o que fazer? Com quem falar? Era isto assunto para se falar na terapia? Fosse como fosse, não iria ficar a matutar nisso. Se quisesse matutar tinha muito por onde o fazer, desde os tempos de faculdade até ao quebrar da relação com Alfa entanto, não ficaria a matutar, saiu pois de casa até um pouco longe. No comboio acabava o último conto de Paul Auster. Tudo lhe parecia insignificante face a seu estado de espírito. Estava revoltado, indignado, perplexo, como se lhe tivessem dado um muro no estômago sem ele contar. A pouco e pouco, ia readquirindo a vontade de escrever e comparava-se ao próprio Paul Auster. Sabia que mais cedo ou mais tarde iria publicar. Não era uma questão de justiça. Era uma questão de existência, a sua escrita existia para além do facto de ter leitores, para além das palmadinhas nas costas e das sessões de autógrafos. De repente, não importava ser escritor, não importava que tivesse sucesso com a sua escrita, ela existia por si, tinha vida própria e Jonas acreditava na sua escrita de novo. De modo que a nossa personagem principal deu umas voltas a pé pela cidade de Coimbra. Como achava pequeno para si aquele mundo onde pessoas interagiam em variadas circunstâncias. De repente, ele deixou de existir. Só existia a interacção entre as pessoas, era isso que ele via unicamente. Telefonou para David e por sorte este encontrava-se na mesma cidade, prestes a regressar a casa. Regressaram à

pequena cidade natal de carro, atravessando o IC2, antiga nacional 1. Dali a pouco tempo, o Benfica ia jogar com o Manchester United para a Liga dos Campeões. A revolta que sentia há horas como que abrandou, mas não se extinguiu. Jonas acordou para a situação em que estava e tinha de fazer alguma coisa antes que fosse tarde demais. Já esperara muito tempo pelos outros, vira-os assentarem arraias descaradamente à vista desarmada e ele calado, sem dar de si. Pois esse tempo de vacas gordas havia chegado ao fim. Sim, tratava-se de uma questão de justiça. E não havia volta a dar, perdera já muito tempo e explicações. Seja como for, Jonas iria tranquilamente provar que podia também vingar. Já perdera demasiado tempo pensando em Riachos, havia chegado o limite. Lentamente começou a convencer-se de que estava obcecado com a perfeição e se continuasse assim não sairia do lugar. Jonas tinha uma vantagem face aos outros: sabia o que queria, isso era uma grande vantagem. Sabia que se tivesse ido ao estrangeiro veria as coisas do seu país de outra maneira. Ainda assim, não tendo ido à América nem a França, ele pela reflexão conseguira o que poucos conseguem sozinhos. Consequira libertar-se do peso com que outros viviam, através dos compromissos sociais, dos favores. Ele estava suspenso, estava sozinho, sabia o limite da respeitabilidade, sabia colocar-se no seu lugar sem deixar de ter ambição. Afinal de contas o que queria Jonas? Parecia irónico, mas havia quebrado relação com Alfa. Estava sozinho de novo. Ainda bem, o jogo mantinha-se aberto e com interesse. Jonas iria tentar arranjar emprego como professor em Lisboa ou no norte do país. Iria sair finalmente de Riachos, não dava mais estar entre Pombais, Leiria e Coimbra sem destino. Queria voltar a ser professor, esse era o seu objectivo de novo. Não importava que no passado tivesse tido dificuldades para se impor como professor, que por duas vezes tivera desistido, no Algarve e em Lisboa. Ele agora iria tentar, como se fosse a última coisa que fizesse, iria simplesmente fazer, não se preocupava sequer com a razão profunda dos seus actos. O seu primeiro objectivo seria,

portanto, voltar a trabalhar como professor, o que para alguém com o curso dele não era fácil pois no sistema de ensino o ensino da antropologia estava descaracterizado. Não tinha contacto com os seus colegas ou outros antropólogos. Seu amigo David era o único contacto que tinha com alguém relativamente próximo da sua formação. Mas estava em dívida com ele, dívida monetária que iria pagar com o seu suor. E, literalmente, estava já pagando. Estava saindo da inactividade de alguns anos. Mudara a medicação, estava novamente com outra medicação, pesada talvez. Mas isso era somente uma passagem. O objectivo em breve seria deixar, dali a alguns meses, conforme lhe dizia o seu psicólogo. A pouco e pouco, libertava-se dos rótulos que colecionara ao longo dos anos. E via-se a correr já maratona. Certo é que ao longo dos dias, conseguia que um maço e cigarros desse para dois dias e isso era já um grande progresso, meia dúzia de cigarros por dia. Estava a pouco e pouco saindo do marasmo e com a condição de trabalhador, longe daí, iria conseguir reduzir e podia ser até que conseguisse. Portanto, Jonas tinha os seus objectivos definidos. E não fica por aqui. É claro que Jonas queria conhecer alguém interessante com quem passar o resto da vida. Estava farto de dormir sozinho. E achava-se pela primeira vez no direito atribuído a si próprio e ser pai, depois de muito ponderar. Se não traçasse esse objectivo para si próprio arrepender-se-ia para sempre. O que ele procurara até então tinha sido construir uma vida com alguém. Se não tinha encontrado ninguém que com ele pudesse ter um projecto de vida. Naquela noite, enquanto desabafava com a sua mãe e com a sua irmã. Apercebeu-se que o seu sobrinho caiu a seus pés do tapete do chão. Jonas pegou no sobrinho e lembrou-se de quando um outro sobrinho seu caíra também a seus pés. Daquela vez foi por estar a pensar em merda, desta vez foi por estar falando em merda. Portanto, dali só podia fazer alguma coisa de positivo, foi um sinal de que o que tinha na cabeça afinal não era assim tão importante. O que tinha no coração era bem mais importante e naqueles dias alimentava um forte desejo de conhecer

alguém especial com quem partilhar os dias, alguém que pudesse amar e com quem pudesse criar um filho. Os seus dias de escuridão haviam começado porque se envolvera com uma mulher com que queria ter um filho. Tudo dera para o torto, não teve mais notícia dessa pessoa. Teria algures um filho seu? Se tivesse, ainda bem. Mas não parecia bem ser o caso, ela só estava interessada no dinheiro que ele podia trazer, não estava interessada no Jonas como pessoa. E este agora mais do que nunca estava ciente do seu valor. É certo que Jonas fora um despuadorado em certas situações, em jovens fazemos muita coisa que depois nos arrependemos, simplesmente fazêmo-las talvez porque gostamos da adrenalina. Não, não interessava a Jonas o segredos íntimos das pessoas, a psiquiatria forense, Jonas havia-se entregue à psiquiatria e à psicologia como paciente, como cobaia e nada ganhara com isso, nenhuma posição social, nenhum ordenado, nenhum prémio, nenhum prestígio. Era o agente da sua própria manifestação e estava, pela primeira vez na sua vida, sossegado quanto ao seu futuro, por mas incerto que poderia parecer, por mais difícil que poderia ser. E não estava obcecado com o seu futuro. Iria tentar ser melhor, provar a si mesmo, como lhe dizia a irmã, de que valia alguma coisa, e que valia, pelo menos para a sua família, de que era importante. Ainda assim, lia aparte final da Trilogia de Auster. Recuperara o prazer de ler, a vontade escrever, independentemente de se algum dia publicaria alguma coisa. Isso não o preocupava. Ele tinha agora objectivos bem definidos. Tinha o resto da sua vida para os tornar realidade.

No dia seguinte, de manhã, Jonas encontrou-se com David na estação de Coimbra B. David trazia consigo a sua namorada. Cabelos negros, face bem definida, parecia assentar perfeitamente na ideia que Jonas tinha de uma mulher para David. Antes de seguirem para o centro da cidade, tomaram ali mesmo, um café. A conversa desenrolou-se e já ia adiantada quando chegaram, de comboio, ao centro da cidade. Jonas não gostava particularmente de Coimbra. Há já vários meses que não ia a Lisboa e o que

mais saudades lhe deixara fora exactamente o movimento das ruas, a aparente anarquia da cidade. Entretanto, Jonas havia acabado o livro de Paul Auster. Pensava –estranho, o autor fala frequentemente de escritos que se publicam na teia da narrativa. Começou Timbuktu mas sem grande interesse ou especial dedicação, pois falava mais uma vez de escritos que se tentam publicar. Paul Auster parecia ainda assim, acessível demais. A pouco e pouco, a vida de Jonas parecia recompor-se. Naqueles dias, Jonas sentia que estava senhor do seu destino pela primeira vez desde há bastantes anos. Talvez nunca sentira tanta segurança. A noite caíu. Jonas foi ao café comprar tabaco. Não ficou lá por muito tempo e voltou par casa. Sua mãe via televisão. Jonas estranhava como de repente deu uma sapatada nas suas ambições. Sabia, conforme o terapeuta lhe dizia, que não podia mudar tudo de uma só vez, de um momento para outro. Tinha que ter paciência. Naqueles dias nada de especial havia para contar. As outras personagens tardavam em chegar. O livro não podia estar, neste estado de coisas, somente dependente da vida e dos dias de Jonas. Havia mais qualquer coisa para além da personagem principal. Na realidade, os cinco anos que tinha frequentado de universidade contavam (ou não contavam) agora significativamente. Sabia que o se futuro iria ficar marcado pela sua escolha. Não tinha muita vontade de fazer outro curso, como psicologia e filosofia, só porque não conseguia encontrar emprego na sua área. O problema é que não estava disposto a trabalhar na sua área. Não estava a ser esquisito, ele simplesmente achava que não valia a pena, para além de não se achar preparado. De modo, que o que lhe interessava naquele momento seria avançar para um início de carreira como professor. Queria pelo menos tentar, mais uma vez.

Quanto à vida em Riachos, Jonas passava um pouco ao lado de tudo isso. Não se interessava especialmente pelas guerras de famílias que se verificavam contudo com grande intensidade nas cabeças daquelas pessoas. A maior parte das vezes tinha a ver com sucesso na vida, onde quem conseguia amealhar

mais dinheiro é que era valorizado, esperto e ganhador. Um critério atávico que correspondia a outros, que bem se podiam patentear na televisão da época, em que as pessoas de tudo faziam para se notar, para serem conhecidas, para aparecer na televisão. De facto, a televisão e as revistas eram a bitola da fama, daqueles quinze minutos de fama que toda a gente queria ter. Não está aqui implícita nenhuma teoria, talvez nenhuma moralidade, mas simplesmente a observação que as pessoas, apesar das suas dificuldades, mantêm as suas ambições e nem sequer os recessos fazem perder a ambição das pessoas em mostrar trabalho, em ganhar dinheiro, em ser famoso. A pouco e pouco, Jonas apercebia-se que ao longo do tempo não tinha lutado por essas coisas. Talvez por isso tinha também a sua quota parte de ambição. Os seus critérios com que se avalia a qualidade das pessoas talvez fossem os mesmos do que os de outras pessoas que com ele viviam ou se cruzava no dia-a-dia. Não vamos aqui procurar dar razão a uma personagem que não reflecte o temperamento do seu autor. Afinal de contas, Jonas tinha-se atrevido, como Narciso, a pisar terrenos inauditos. Tinha tido a coragem de ir longe, onde mais ninguém foi, com a sua mente. Talvez por isso conhecia a natureza das pessoas com que se cruzava. Jonas vivia ali, mas com o pensamento longe, nos lugares para onde a mente o transportava, as leituras, coisas que provavelmente via na televisão. Pela primeira vez talvez a nossa personagem estivesse aprendendo a viver com o seu lado mais obscuro. Mas Jonas estava igualmente condicionado na sua vida quotidiana, pelos outros personagens ou actores sociais do ambiente em que crescera. Era, por assim dizer, um homem do seu tempo. Deste modo, é legítimo que tivesse ambições de conseguir mostrar alguma coisa aos outros, não quisesse fazer as coisas para mostrar aos outros, sendo assim altamente susceptível e influenciável, mas pelas coisas em si e pelo gozo que dava fazê-las. A pouco e pouco Jonas aprendia a viver com a cisma e o seu carácter de ser soturno e depressivo dava lugar a um ser porventura mais interessante e descomprometido, menos

pesado que em outros tempos. Sim, por vezes Jonas arrependia-se de ter pensado certas coisas, de ter dito certas coisas e de ter até escrito certas coisas. Seja como for, a sua ambição literária era qualquer coisa como uma meta que estava ali sempre disponível para ser transcrita, independentemente dos altos e baixos do quotidiano. Era claro que ao acordar de manhã Jonas não estivesse nem por aí quanto a boa disposição nem o seu pensamento se ocupava da construção de grandes tramas e de grandes personagens. Simplesmente, não era já o tempo disso, naquele princípio de século e de milénio na Europa do sul. Seja como for, naquela altura do campeonato não interessava a Jonas purgar velhos pecados nem se arrependia de certas coisas que tinha feito. Achava simplesmente no seu perfeccionismo de carácter, que algumas coisas não teria valido a pena tê-las feito. Mas não nos concentremos apenas neste personagem. Outros há também igualmente interessantes. Dir-se-ia que naqueles dias andava muita gente preocupada com a psicologia. O país teimava em não crescer em termos de economia e desenvolvimento. Dir-se-ia que Portugal atraía todos os males dos países desenvolvidos sem que isso desse o respectivo retorno em termos de melhoria das condições de vida das pessoas. Na verdade, não pretendemos dar conta de uma psicologia de uma ou várias personagens. Com isso nada ganha o leitor. Com a sua escrita densamente psicológica, Jonas por vezes sentia culpa por escrever. Com que legitimidade escrevia ele sobre os outros? Talvez tivesse uma ideia errada do que é a escrita. Mas se a literatura é feita de quadros, psicológicos e sociológicos, que legitimidade teria Jonas em falar de si próprio? O que era preferível, falar dos outros ou falar de si próprio? Seria possível dizer alguma coisa do mundo, alguma parcela da realidade, abstendo-se de ser tornar refém dessa realidade? A narrativa, que nada tinha de policial ou criminoso, assegurava-se, a fim de poder ser lida, a algo de criminoso. Seria crime escrever? Seria o meio mais razoável para Jonas expressar-se pelas palavras, ao invés do que por outra arte qualquer? Muitos ficariam pensando nestes

pruridos toda uma vida, outros avançariam para uma narrativa pejada de personagens e incidências objectivas. O que se passava na verdade com Jonas é que não tinha a quem mostrar os seus escritos, não tinha mais quem pudesse ler os seus escritos, fossem eles aceitáveis ou não. Já passara, na idade do escritor, a data de ser publicado. Já passara há bastante tempo, contudo Jonas continuava debitando palavras, mesmo depois do esquecimento, ao invés do conhecimento dos outros. Talvez ele continuasse a ver esperança onde outros haviam desistido. Talvez fosse uma teimosia desnecessária, enviar tiros para o escuro, caçando de olhos vendados. Contudo, não valia a pena preocupar-se, ele não podia controlar o mundo e os acontecimentos. Um dia chegaria o dia em que alguém leria os seus escritos. Não mais poderiam supor ou ignorar a sua presença, mesmo depois de morto. E a sua presença conquistara-a ele pelas palavras, as palavras escritas, vistas como uma actividade subversiva numa sociedade livre. Nunca ninguém lhe dissera para continuar, nunca ninguém lhe dissera para parar. De algum modo, Jonas esperava vencer a solidão, invectivando com palavras na sua vida vazia, despida de acontecimentos. Não estava preparado para ser lido nem conhecido. O passado assustava-o, bem como o futuro. Estava longe daqueles dias e daquela atitude em que nada tememos. Qualquer espécie de segurança era estranhada pela sua mente e pensava ele que o conhecimento ou mesmo a época em que seria mais criativo, dar-se-ia debaixo de enorme tensão e desconfiança. Talvez não estivesse bem ciente daquilo que deveria dizer. No entanto, estava à espera de ser descoberto por alguém. Podia ser que depois disso pudesse aceitar as críticas. Havia certamente naqueles dias uma conspiração insidiosa que se afirmava entre as pessoas mais queridas, uma patologia que em nada era divertida ou fonte de satisfação. As patologias ao fim e ao cabo vivem-se e esquecem-se, não há qualquer prazer em as viver. O conhecimento de si mesmo que Jonas adquiria ao longo dos dias era um conhecimento ilusório, ele nunca saberia quem era na verdade até que se desse o confronto com a sua

verdadeira identidade, com o Outro que andava por aqui e acolá usando o seu nome. Algures no outro lado do mundo andaria alguém com o seu nome fazendo-se passa por ele. A sua história não seria conhecida até que Jonas morresse e tudo isto era fonte de infindáveis palavras. Porque não então dar ao verdadeiro Jonas a possibilidade de ser visto, de ser julgado, de ser criticado. Porque não mostrá-lo aos outros e alimentar uma suspeita e desconhecimento que só minavam o seu ser?

Então, o que deseja Jonas se não quer ser conhecido? Algum tipo de vitória alimenta ele em relação ao seu tempo? O certo é que enquanto não resolvermos esta questão, não poderemos avançar na narrativa. Um perfil psicológico de Jonas. É um homem solitário, que não acredita no sucesso e se alguma forma de conhecimento conhece é a mais difícil de todas. Podendo ter tido uma vida relativamente fácil, recusou-se a isso, mesmo quando o mais lógico fosse que isso acontecesse. Decerto que quis fazer da sua vida um acontecimento que pudesse ser relatado a outros e o que encontrou não interessa relatar a outros para que outros não tenham dele alguma espécie de pena. Mas o que de realmente importante fez este homem? Um homem na casa dos trinta e cinco, habituado a viver com pouco, egocentrista, habituado a escrever sobre si próprio, escusando-se de falar sobre os outros sob pena de incorrer em falsa legitimidade, um homem que tem consciência de que terá acusado a tensão de momentos importantes na sua juventude e que agora tenta salvar o barco em vão. Esses dois momentos terão sido importantes na ideia que faz de si mesmo e na ideia que os outros fazem dele. Ainda assim, um homem atormentado pelo incómodo do seu pensamento, um homem que nem a si mesmo ousaria fazer bem, um homem que acalenta uma espécie de desconfiança de si e dos outros. Um homem crítico de si mesmo, ao ponto de ficar sem forças para ser criativo. Um homem que diz que tudo pode e que pouca coisa fez até agora. No entanto, mesmo assim, um homem de poucas falas, um tanto ou quanto solícito para com os outros e se algum tipo de

divertimento vemos neste retrato tal não corresponde a nenhum lucro financeiro. Este era um homem que nada escondia à escrita, vista sob o ângulo de uma terapia. Nunca saberemos tudo deste homem, nem nos interessa talvez saber tudo. Este homem nunca foi famoso, nunca deu espectáculos, nunca entusiasmou multidões com as suas palavras. Este homem nunca rezou pelos outros, nunca confessou uma dor, um pecado, uma ignomínia, nunca desrespeitou a lei. Assim, desconhecendo a lei e não sendo sequer um interessado nas coisas de leis, agia por intuição, tendo interiorizado uma conduta que o mantinha no seu contexto social. E porque é que adianta este retrato psicológico de Jonas? Que espécie de curiosidade se reserva a esse homem, que não trabalha, não é produtivo, que não dá a si próprio momentos de alegria? O que é que se interpõe entre o que este homem é na realidade e o homem poderia ser? Não, a vida não é um jogo, não é literatura, por isso a dificuldade em vislumbrar outras personagens. A vida é a solidão, a ausência de música, a televisão que se vê para passar o tempo e passar mais tempo por nós, é sentir-se só mesmo quando se tem família e reservar a si próprio uma espécie de justiça ao final do dia contido num cigarro e com isso todas as consequência, a vida é um morrer cada dia para não morrermos tudo de uma só vez. No entanto, apesar de tudo isto, a vida é também surpresa, o estar solteiro porque não se foi suficientemente brando, porque não se foi suficientemente audaz, a vida é este sentimento de frustração e revolta por não termos sido quem de facto fomos, uma dor entre pernas constante, um choro por alguma coisa que alimentámos e que nos deixou abandonados. Sim, essa tristeza sem fim, como numa cor violeta que a mãe dava a um conjunto de jarros do jardim, essa tristeza que ela deu sob a forma do púrpura nos seus quadros, nos seus quadros não vendidos mas que podiam ser os quadros que Jonas nunca pintou. E porque não deixa este homem a si próprio viver, se moralismos, porque se converte em silêncio quando o que se pede é música e animação? Sim, talvez esta personagem seja uma invenção, talvez reflecta

apenas uma forma de sentir o mundo, um mundo interior que nunca mais acaba. Este Jonas também amou, também foi especial para alguém e rejeita hoje acreditar que o é para alguém porque deixou de ser especial, porque acha que é especial só porque ninguém lhe diz as palavras que gostaria de ouvir. Talvez esta personagem esteja desenquadrada e estas linhas não sejam classificáveis no rol dos géneros literários existentes. Talvez devesse esta personagem viver e deixar viver os outros, talvez não devesse ficar sentido com a desgraça dos outros, talvez devesse fazer qualquer coisa para distrair toda a gente do principal, que a vida é uma merda e que as pessoas não gostam que lhes lembrem que é assim. Não, a noite caía e Jonas sentia passar mais um dia, podia ser em vão, podia ser infrutífero e sem lucro. No entanto, o pensamento estava lá, naquela casa que nunca fora habitada e que não se planeava vir a ser um dia destes. Sim, na verdade Jonas era mais um entre iguais, mais um número nas estatísticas dos desempregados, contudo sempre fora fiel à escrita com pouco proveito para si próprio, talvez nunca tivesse compreendido o timing, talvez estivesse esperando aquele momento final em que tudo se torna desnecessário face à urgência de morrer, talvez a sua escrita não seja assim tão musculada e acrobática, talvez seja o reflexo de um esgar de dor que nos acontece quando tudo já foi dito, tudo já foi feito e quando ainda assim, se tem a sorte de pensar e viver e que talvez seja por isto que se deve acreditar num Deus, num Jesus Cristo ou noutros profetas. A noite caía e reflectia-se no ecrã uma coisa muito simples, que o pensamento não é coisa linear e que aquilo que cedo compreendemos como tendo sentido e fazendo força para a vida do dia a dia não é senão uma milésima parte daquilo que podemos saber. Ainda assim, apesar de insistirmos em denegrir a imagem de Jonas, esta personagem envelhece sem ver o mundo alterar-se no bom sentido, numa entropia pessimista que leva à extinção, à impotência, à esterilidade. Caímos então vencido por essa entropia e estamos no chão revoltos de dores e quistos, vociferando uma dor aguda que só os lobos

doentes sabem libertar, que só humanos doentes sabem viver. Sim, porque cansa também a tristeza e a dor, cansa o silêncio e o desprezo, cansa viver e no entanto somos críticos e dizemos que não fizemos nada, quando a bitola é a televisão e o que aparece na televisão, quando o que se procura será uma forma qualquer de evidência material de algo que nunca poderá ser jamais captado objectivamente, que uma experiência subjectiva precisa de ser partilhada para que algum dia alguém saiba que um ser viveu entre outros e que desejou amar como todos os outros e que chegou tarde à conclusão que a solução para o imenso problema para a chuva que cai não se resume a aceitarmos a chuva que cai e que é vão todo o esforço singular inchado de orgulho que temos dentro do peito e que outros também são capazes de ter ódio. Não, não és só tu que sentes, podemos dizer a Jonas. Há outros como tu, que esperam dia após dia uma luz mais luminosa, uns sapatos mais práticos, um par de calças de marca, livros quando já não acreditamos nas palavras dos outros e não fomos fiéis ao que os outros esperavam de nós. Talvez a literatura vive demasiado desse pietismo que não sara nada, desse deslumbre que quem não lê não entende, que não se aprende de um dia para o outro. Talvez seja isso afinal viver, uma forma de vermos e sermos por surpresa surpreendidos, por tristeza inconvenientes, em busca de uma forma isolada de sentimento quando às tantas não é isso que o mundo pretende. Quem pensa assim, está condenado a ser visto como normal, fazendo chantagem sobre os outros, não dizendo o que pensa, mas o que os outros não querem ouvir dele, gerando discórdia ou uma paz podre, supondo que tudo está bem quando ninguém de coragem apareça e diga isto não está bem, nada bem, nós somos capazes de melhor, não desejamos o impossível, apenas aquilo que tarda em aparecer e que quando se der ao conhecimento de nossas vidas não terá efeito nenhum nos nossos coração pois substituirá o nosso sentimento, o nosso pensamento, nos substituirá enquanto dimensão mensurável fonte de calor e água. Não, nada disto está bem. Vivemos uma

patologia singular que é o facto de aceitarmos o loucura como alguma coisa de normal, de aceitarmos e compreendermos melhor quem atenta contra a vida do outro e de facto o aniquila do que o cidadão normal que pretende não sei se ele sabe o se é o reflexo desta mera personagem, que pretende levar uma vida normal, com salário no final do mês, ter todas as chatices que nos fazem parecer desintegrados e apocalípticos e que mesmo assim julgamos que sobrevivemos a alguma coisa de muito grave que se passou com os outros e não há forma de compreendermos como esse mal nos afecta e o que poderemos fazer para aplacar esse mal de uma vez por todas. O que é que pode uma pessoa fazer para modificar as coisas quando os gestos mínimos não chegam, quando preocupar-se é desnecessário, quando o amor não é uma dádiva mas uma conquista que os mais fortes merecem, quando o amor só é dado a quem tem timing ou seja economicamente viável. Sim, porque a noite cai e calamos a consciência de tantos atropelos à dignidade dos homens, quando o que procurávamos não era fosse talvez o que encontrámos, quando encontrámos na realidade algo de muito mais valioso que terá sido a oportunidade de, mais uma vez, compreender, e com isso poder mudar o rumo dos acontecimentos.

Nestes termos, a nossa personagem principal desejaria uma vida mais agitada, mais plena de acontecimentos, pois que sentir-se bem não era um estado natural e logo de manhã se via na circunstância de fazer ginástica mental para se sentir bem ao longo do dia. Alguma coisa devia estar fora do lugar ou mal pensada para que fossem assim os dias. Roseta havia deixado de comunicar com Jonas. Há cerca de um ano que não falava com ela. Ultimamente escrevera-lhe uma carta tentando reatar uma relação que fora intensa mas efémera, uma paixão, dizia ela, que não conduzira ao amor. Jonas, actualmente, sentia que fora usado por Roseta, manipulado, como se tratasse de simples mercadoria. Não conseguira encontrar uma razão palpável para a separação e era isso que verdadeiramente o intrigava. Aparentemente tudo

estava bem quando Roseta deixou de falar. Seja como for, no final de tanto tempo as esperanças foram dando lugar ao esquecimento, mas se o coração esquecia, a cabeça continuava a engendrar razões. Jonas tinha o primeiro nome de um assassino que Roseta conhecera, de uma certa maneira. Esse homem, que se encontrava agora em liberdade, matara quatro pessoas numa praia ali perto. Aparentemente, tinha uma vida normal, como a de todos os assassinos psíco e sociopatas. Jonas lembra-se do caso. O homem andou a monte por Riachos e povoações vizinhas, atemorizando as populações. Fora apanhado dias depois e cumprira na prisão uma pena que foi reduzida por bom comportamento. Escrevera até um livro. Curioso como um livro pode fazer esquecer um acto daqueles. Seja como for, Roseta lembrara a Jonas um dia que acompanhara o caso, que até falou para a televisão sobre o caso. Mas Jonas lembrara-se de que o caso acontecera há bastante tempo, deveria ter cerca de 13 anos. Ora nessa altura Roseta teria 12 anos. Como poderia ela ter falado sobre o caso enquanto psicóloga. Sem dúvida que Roseta não funcionava bem. Era de esperar. Um acidente de viação quase lhe tirara a vida, estivera vinte dias em coma, durante muito tempo fizera terapia para se refazer de tal embate. Conseguira concluir os cursos que frequentava e arranjava emprego num centro de saúde como dentista. Jonas arrependia-se de lhe ter contado certas coisas suas, do passado, deter sido demasiado honesto para com Roseta. Pior, ela também havia sido honesta para com ele. Por isso a relação não resultou. Sim, seria um motivo. Seja como for, Jonas estava esquecendo aquela relação, o seu futuro sentimental era um grande ponto de interrogação. Jonas não ficara nada satisfeito por pensar que alguma vez seria comparável a tal homicida na cabeça de Roseta. Mas era assim que sucedia. Roseta pensara que Jonas poderia tornar-se num homem violento, que poderia exigir da mulher certas obrigações, que a sua relação fosse marcada por um contrato legível onde figurassem os deveres e obrigações da mulher para com o marido. Nada podia ofender tanto Jonas na sua dignidade de que

esta opinião de Roseta a seu respeito. Por isso, tinha mais um motivo para esquecer. Mas quem por pouco tempo amou na verdade, algum sabor amargo lhe fica na boca da alma, alguma réstia de insatisfação e sensação de algo inacabado. Sim, porque Jonas morria todos os dias um pouco, sobretudo nos fins-de-semana, em que o recolhimento era maior e talvez sentisse mais a falta de movimento na sua vida. Sim, tinha saudades dos dias em que chegava a casa depois de um dia de trabalho, tinha-se esquecido como é bom descansar a alma e o corpo na sensação do dever cumprido. Depois, Jonas sentia que a sua obra não reflectia de alguma maneira, o seu tempo e as gentes do seu tempo. Talvez fosse apenas o reflexo das suas impressões sobre esse mundo. Mas que mundo era esse? No litoral do país, a meio caminho entre as duas principais cidades, entre outras duas cidades, afinal de contas a sua vida passava-se num torpor que nunca admitira antes viver, numa espera de qualquer coisa, de algum acontecimento que simplesmente não poderia acontecer. Se assim fosse, teria Jonas de se invectivar contra essa realidade a fim de transformá-la.

Ainda assim, Jonas ia encontrando a verdade sobre si mesmo. A fuga aos 14 anos para o seminário e a recusa em viver os últimos anos da universidade seriam explicados por um receio em não ser aceite sexualmente. O voyeurismo explicar-se-ia como um aspecto desse medo de não ser aceite. Como tinha conseguido viver com tal medo durante tanto tempo? Poderia pensar que ainda era tempo de consertar o que estava mal, mas um amargo de boca e uma revolta contra si mesmo acendiam o seu coração de ira. Como podemos ver, o retrato psicológico de Jonas não pode ser mais exaustivo. Andamos já fartos de conhecer esta personagem, esperando que ele se decida de uma vez por todas a simplesmente viver a vida. Outras personagens deverão aparecer que tornem mais interessante este relato. A nossa personagem deambulava pelas ruas e pensava como é que tinha conseguido durante todo este tempo viver sem namorada, sem emprego, sem

perspectivas. Era verdadeiramente frustrante um homem não ter emprego, não ter quem amar, não ter independência económica. Não, naquele dia havia dito adeus à felicidade. Voltou, porém, a pensar melhor. O seu coração lamechas de há tanto tempo estava agora ficando mais duro. Contudo, Jonas aprendia a dar valor ao facto de estar vivo. Num dia, ia do inferno ao paraíso, do paraíso ao inferno. Estas coisas escreverei daqui a vários dias, porque não contá-las já? Imagino o portátil de José Saramago e tenho inveja de tantas palavras que ele escreveu, talvez sem o mínimo de perturbação mental. Pois neste caso o que está em causa é qualquer coisa de moral. A maior parte das vezes fechamos os olhos ao mal. Outras vemos de caras o mal e somos influenciados por ele. Trata-se de uma batalha incomensurável. Uma batalha de humanos. Por outro lado, tenho inveja de José Saramago porque o seu espírito não precisa de ser provado, não é tentado nem precisa de provas. Podia comprar um computador novo. Não servia de nada. Seria com aquele mesmo computador que iria continuar, numa batalha feroz consigo mesmo. O seu romance era afinal uma batalha feroz consigo mesmo. Não adianta puxar o carro muito para cima, pois que o quotidiano há-de trazer dificuldades tremendas e o espírito está ofendido logo pelos olhos e não posso senão pedir ao Criador que me deixe viver para dar testemunho de qualquer coisa grandiosa. Como narrador, vi o espírito de Jonas descer tão baixo que parecia que ia acabar a vida para ele nesse dia. O seu espírito viajava incerto sem contudo ver muitas pessoas, num espaço reduzido, num cenário propriamente kafkiano. Talvez fosse altura de ler novamente *O Processo*. Ainda me lembro daquele actor que fazia de rei no filme *O Processo do Rei*, como se chamava ele? Há bastante tempo que Jonas não ia ao cinema. Seja como for, não tinha pressa. Sabia que antes de mais haveria de arranjar emprego como professor, não se via a fazer outra coisa. No fundo queria estar ali com os seus alunos o tempo todo, para que eles não suspeitassem de que o professor Jonas permanecia sobretudo nos momentos mais difíceis. Se as coisas dessem para o

torto, ele não era psicólogo, mas estaria ali para o que desse e viesse. Muita gente havia morrido e talvez não seja eu digno de as citar, mas já que penso nelas e que este relato passa ao lado de uma questão moral, há que falar nelas. Julgo que não sou digno de lembrar a Luísa do hospital, que havia cortado os pulsos e que tinha uma família problemática. Aquilo é que eram problemas, não são os que Jonas tem para enfrentar. No fundo, ele sempre teve tudo, tudo lhe foi oferecido e talvez não tenha aproveitado devidamente. Deixou-se ir abaixo. No final, quando tudo parecia perdido, jurou lutar pela vida, lutar por si, correr pela sua vida. Jonas teria de ser professor, mesmo que tal lhe fizesse lembrar dias passados, maus dias passados. Estaria Jonas finalmente louco? E seria, caso assim se verificasse, algum ponto de chegada digno estar louco? Sim, porque a loucura chegara sem dizer nada, sorrateiramente, como um nevoeiro, e instalara-se no refúgio da alma de Jonas. Não, não era altura para fraquejar. Já havia desistido antes, agora não iria desistir mais, não podia, tinha coisas importantes a fazer. De modo que Jonas se preparava para trabalhar. Escrever era já uma forma de vida e em tudo isto, a nossa personagem perseguia uma espécie de honestidade pouco comum. Agora estava desarmado, era ele e a sua alma em jogo, não havia falsas personagens, falsos cenários. Sim, porque a imaginação para escrever um romance tinha-se desfeito em areia da praia, pequenos grãos de areia da praia. De modo que Jonas nunca desistiria de correr, aconteça o que acontecer, iria preparar-se com um conjunto de atletas, talvez começasse a fazer algumas provas. O objectivo final talvez fosse fazer uma maratona. Tinha o resto da vida para o fazer. Não, não tinha desistido de correr e não iria desistir agora. No meio da noite Jonas perguntava-se porque é que não tinha ido para longe, viver uma outra vida e se havia alguém preocupado com o facto de ele ir ou não, decerto que não, estava entregue a si próprio, soubera disso por experiência própria, no entanto não se queixava o jogo estava nisso mesmo, não se queixar, parecer que tudo o que lhe tinha acontecido era normal, pois não era normal

nada, mas antes que se arrependesse de pensar assim tomava conta aos seus, de que modo a sua tarefa de escrever era subversiva e que sinceramente ganharia ele com isso. Aparentemente não ganhava nada com isso e não ganhava mesmo, talvez fosse tempo perdido, atarefar-se sozinho na noite para ser lembrado, sabe-se lá por que razões. Admitamos que haveria uma conspiração para com ele. Admitamos que alguém lhe permitisse viver e sofrer tudo o que acontecera e ainda assim se pudesse convencer de que tudo isso era normal. Seria uma conspiração tão incompreensível, tão pouco humana, se é que acreditamos na natureza humana. Jonas lembrava-se dos dias que passara fora do país, em França e em Espanha, tempos em que tentou romper com aquilo que estava fazendo no momento, afinal toda a gente pode sair do país porque é que eu não posso. Jonas não queria acreditar que tudo o que fazia tinha um significado e que passaria o resto da vida pagando por isso. Os homens batiam nas mulheres, violava-se gente, matava-se por dá cá aquela palha, nunca em legítima defesa, fazia-se de tudo e ainda por cima se dizia neste reino que tudo era normal, que tudo fazia parte da normalidade, porra prá normalidade, porra para isto tudo, onde é que há gente no mundo. Mas isto é tudo culpa da televisão, a função deles é entreter-nos, nunca mostram realmente a verdade porque a partir do momento em que tal acontecesse, cairia o céu sobre nós, seria pior que um tsunami ou terramoto, por isso interessa não sei a quem na minha ignorância, que tudo se mantenha no mesmo lugar, a gente acantonada em fronteiras que só estão na cabeça das pessoas e é aí que está o problema, dizia um amigo de longa data. Admitamos que não havia conspiração nenhuma. Quem se preocuparia com Jonas e sua família ao ponto de lhes desejar a morte. Porque não o haviam feito até então, se bastava passar por casa dele e dar-lhe um balázio ou um carga de porrada, o que é que esta gente afinal tinha na cabeça? Quem poderia entender a psicologia desta gente? Esta gente que permitia que se fizesse tudo às mulheres mediante um contrato social e que sempre negara a felicidade a

Jonas, não era preciso que lhe oferecessem uma noiva, porque é que o deixaram partir para Leiria, para Braga, porque é que o deixaram ir para Lisboa, não isto era muito mais grave que o sagrado, muito mais sagrado que o sagrado, havia qualquer coisa ali de importante e Jonas iria descobrir o quê. Não se contentava com uma simples explicação. A esta altura, não lhe interessavam os prémios, nem vivo nem depois de morto, a sua escrita estava amaldiçoada porque não lhe deixavam criar personagens, haviam-lhe tirado a legitimidade para o fazer, se é que temos de pedir licença para pensar e ainda mais para dizermos o que pensamos. Em todo este tempo afigurava-se a Jonas que alguém queria que ele padecesse de tudo e que escrevesse tudo o que se passava com ele, e o que é que se passava com ele, nada, simplesmente talvez não fosse feliz, talvez tivesse cometido o erro de falar a alguém se queria ser feliz com ele e o engodo estava nisso mesmo, acreditar, além dos recessos, de que podia ser feliz. Sim, Jonas era o reflexo de um homem que envelhecera, de um homem que envelhecia, era ele mesmo em carne viva, aqui me têm seus cobardes, talvez o homem simplesmente não soubesse do que falava, não soubesse o que era sofrer à luz dos vários holocaustos da história, talvez estivesse fazendo uma tempestade num copo de água, o que ele queria é que o levassem ao colo, que fizessem as coisas por ele, talvez, então levantam-se ainda mais questões, pois que se não podia acreditar que um dia seria feliz, o que é que então estava fazendo deste lado da vida, vamos, seria preciso pedir a morte, seria preciso cometer alguma ilegalidade, seria preciso fazer sofrer para se sentir bem? Sim, não tinha medo da morte, não tinha mesmo medo de que a escrita fosse a sua morte, queria saber o que há do outro lado e que mistério é esse de nunca ninguém como diz o povo ter voltado para contar como é do outro lado e se valeria a pena acreditar que existe algo melhor do que esta vida então que sentido tem o sofrimento? Que sentido tem o sofrimento se no Lorvão experimentara um sofrimento maior do que a morte, que natureza é esta que permitia andamos iludidos com outra vida quando não nos deixavam

viver esta em paz, ter filhos, viver expectativas legítimas, talvez aquele seu amigo tivesse razão, talvez nunca tivesse havido um 25 de Abril, não precisam de mo fazer ver porque eu não vivi esse tempo, não posso falar de coisas que não vivi, não me pagam para analisar isso nem sei se alguém estaria interessado no que tenho para dizer, o problema é pensarmos que temos a partir de certo ponto de nos desenrascamos sozinho, porque se deixa de ser especial e passa-se a ser humano, com desejos e emoções. Talvez não valesse a pena continuar a pensar nisso, no entanto para a personagem era a única forma de viver de uma certa maneira, seria escrever, alimentar a ideia de que alguém mais tarde pudesse receber o testemunho de uma pessoa que foi obrigada a errar para descobrir alguma espécie de verdade sobre si mesmo, e que é feito da verdade dos outros, porque razão só se preocupava com ele próprio ao fim ainda de tanto tempo, só podia subentender que a vida das pessoas era tão trágica ou mais do que a sua. Então aí é que entrava a ideia de conspiração. A quem interessava defender um país, uma Europa, um território? A quem interessava ser-se português? E no fim de mais um dia, a nossa personagem pedia ainda assim que o bom Deus e alguém lhe deixasse viver mais um dia, que cada dia que passasse pediria mais um dia até poder entender o que se passava.

Jonas não estava nem pensando que depois de tanto tempo à espera que se lembrassem dele para alguma coisa, afinal todos se interessavam pelo seu próprio sucesso e Jonas era mais um entre muitos. A certeza porém é que este cidadão influenciava certos acontecimentos em seu redor. E se certas coisas do passado não interessavam verdadeiramente nem de qualquer modo a alguém, o certo é que fora no passado que havia feito coisas inauditas, como se estivesse possuído por um espírito benevolente que se disfarçava de maligno. Nesse lugar de onde escrevia, o se corpo tremera de frémito masculino e há certas coisas que precisamos de ter conhecimento para saber que não se fazem. Tendo nascido em França e tendo sangue espanhol, Jonas

era um homem que procurava ser português. Talvez por isso fosse, como Jacques Derrida, obrigado a falar melhor do que os outros, a da mais do que os outros. Não precisava de fazer esse esforço, mas fazia questão que assim fosse. Não, não ficaria à espera que lhe caísse a sorte do céu, não aceitava esmolas, consolações por tudo aquilo que tinha passado, por todo o esquecimento a que o tinham votado. Alguma espécie de justiça havia de ser feita. Não tinha vergonha do seu passado, apenas tinha o direito de julgar que os outros não tinham nada a ver com isso. Muitas vezes não tinha nada para fazer, afinal de contas não estava para embandeirar em arco, pois era ele que não tinha emprego há anos e mesmo se pudesse dar aulas naquele ano iria ser muito difícil pois havia candidatos melhor colocados do que ele. No entanto, esse esforço sempre o podia fazer, um pouco ao estilo de Obikwelu, que partia em desvantagem e conseguia chegar em primeiro no final. Afinal de contas, Jonas fizera um esforço tremendo, não aconselhável aos outros, para conseguir chegar onde chegara, contudo esse lugar era tão-somente um ponto de partida para outros lugares. Nunca se dava por satisfeito, queria sempre mais dos outros e de si mesmo, tinha a audácia de querer o impossível. Ter-lhe-ia sido bem mais fácil se seus pais o tivessem acarinhado na sua carreira literária, como a outros betinhos, mas não, Jonas teve de fazer tudo sozinho, terá conhecido algumas ajudas mas a verdade é que naquela altura sentia-se longe de qualquer pessoa com afinidades e de facto, não trabalhava para aquecer. Enquanto outros se preocupavam com o impacto dos seus actos em meios de comunicação de massas, ele estava pouco se preocupando com a imagem que tinha diante dos outros, mesmo assim essa imagem era reflexo dos seus actos e de algum modo conviria não a deitar fora. Via de vez em quando o seu amigo David, era a pessoa que mais convivia com ele, quem contava êxitos e recessos. Tinha também como amigo Bernardo, que conhecia desde os tempos da escola secundária. Os seus dias eram pouco animados, no entanto era perigoso porque fixava tudo aquilo que via e a tudo dava sentido e

utilidade, enquadramento, mesmo que fosse surreal. Não, Jonas não estava preocupado em estudar forçosamente, sabia que tinha conseguido chegar a um ponto em que podia ir aonde quer que fosse e ser bem atendido, estar naquele país já não tinha segredos para ele, talvez por isso procurasse, uma vez mais, sair do país, pelo simples prazer de conhecer outros lugares, outras gentes. Sabia que andava a rabiar há já muito tempo no mesmo espaço e ninguém podia compreender o sentido dos seus gestos naquele espaço, de modo que tinha de ser ele a contar esse sentido, a fazer ver aos outros. Mas fosse como fosse, já não lhe dava prazer uma carreira académica, um doutoramento, já não fazia sentido. Ele estava finalmente num estádio em que viver era o mais importante para ele, o pior já tinha passado, talvez não pudesse trabalhar, mas ninguém o impediria de correr. E tinha chegado a um ponto em que precisava de treinar com os colegas do clube da terra, talvez assim conseguisse retomar algumas provas de estrada e voltar a fazer a meia-maratona. Era fácil falar com alguém e conseguir aquilo que um dia quisera, dar aulas, ser professor, ter um emprego. Era fácil, bastava fazer barulho e atirar à cara dos outros aquilo por que tinha passado. No entanto, Jonas não podia fazer isso. De algum modo ele fora também culpado do que acontecera com ele. E tinha de dar graças por não estar de cadeira de rodas e por aquele camião não o ter morto. Por isso dava graças e sabia que o mais importante era estar vivo, essa era a grande vitória que não lhe podiam tirar. Soube concluir nesse ponto que havia desiludido bastante gente, mas por isso mesmo contava e registava a sua história por escrito. Agora que perdera o prazer das coisas intelectuais, tudo pusera em causa sem ganhar nada com isso, sem ter razões especiais para o fazer, não valia na pena pensar em hipóteses, não do passado nem do futuro. O dia vivia-se para o presente e para conseguir alguma coisa ele sabia que não podia vacilar, não tinha mais paciência para certas coisas, ele sabia que para conseguir alguma coisa tinha de a agarrar com as mãos e erguê-la bem no alto. Sim, podia ser uma taça, podia ser um feito de

qualquer ordem que cumprisse. Mas estava perplexo e indignado, bastava deixar de ser um espectador passivo que se limitava a observar. Sim, ele desejava não ser antropólogo porque achava que isso implicava deixar de sentir e de sonhar, e mais tarde se ter necessidade disso achava que ser não implicava deixar de sentir e sonhar, mas era já tarde, as coisas que realmente interessam são as que nos dão prazer em fazer. Que importa conseguirmos alguma coisa se não temos com quem partilhar as vitórias? Afinal, Jonas não era assim tão desligado das coisas do mundo, era como os outros, tinha direito a conquistar e sentir-se também vencedor.

Dir-lhe-ia David que porque é que queres agradar a todos se nem Deus feito homem agradou a gregos e troianos, a romanos e a judeus, que é que queres tu fazer com essa razão que pensas que tens, agora temos um filão, um argumento, uma tese. Há que começar por qualquer coisa de sobrenatural, pois assim começou a vida, por um pensamento, terá depois vindo o acto sem malévolos intenção terão mais tarde vindo erros de humana dimensão e que estranho fado este de que temos de provar o mal pelo bem, que triste fado este que nos obriga a amar o semelhante, isto é qualquer coisa de europeu na história escrita declarado, pois que tenham outros povos a dita vontade de compreender e perdoar sem deixar de se ser o que se é. Dir-lhe-ia Bernardo que desditosa vida e actos os teus que começaste por acreditar quando o desejo te irrompia para fora de pele e tu à luz de acreditar negaste a carne e pela carne te deixaste vencer quando a luta seria entre a carne e o espírito, em que é que acreditas tu Jonas depois de ter posto em causa a tua religião, perdeste a um canto a tua religião como se estivesses ficando exangue, que acolheste religiosamente ideais marxistas e conhecimentos teóricos fabricados por mentes que nunca compreendeste e que não pensaram com resultado de esforço físico pois não há quem diga que o esforço físico faça pensar melhor, pois que fumam tradicionalmente os intelectuais e artistas como se o mundo lhes devesse algum mérito ou dívida tivesse para com eles. Tu, Jonas, que

negaste a ti próprio vitórias morais e efectivas que tiveste e as vitórias que tinham à partida por estares certo por princípio, mas nem isso quiseste, querias mais qualquer coisa porventura a morte e a imortalidade quando sabia que a conseguirias começando e continuando a escreves escusavas de pôr em causa a donzela da tua escrita. Retorquiria Jonas que a prejuízo do seu próprio corpo teria de provar alguma coisa, que admirava a vida de Santo António desde Coimbra a Lisboa pois que andarei eu pecando entre Coimbra e Lisboa, tendo já pecado em Lisboa não tenho necessidade de pecar aqui mais perto nem em Coimbra e tendo pecado também em Leiria e bem mais perto até pois que corpo é este quebrantado que depois de tão humilhado reage agora quem não tiver culpa alguma que jogue a primeira pedra à mulher quem está diante de vós. Pois dir-me-ás tu que espécie de pecado tens contigo que o santo terá morrido pelos seus 36 anos, que espécie de homem serás tu que tens de provar o bem pelo mal, que espécie de possesso és tu que te lembras de como o professor falava das camones que se instalavam nas praias do Algarve e pensávamos amigos, como é bom sonhar que se tem quando se deseja. E que espécie de homem és tu que te julgas esclarecido e com alguma forma de lucidez, que saberás tu dos outros quando não sabes o que os outros dizem de ti julgando tu que dizem mal e que triste é pensar que neste reino de Portugal cedo e tarde se conhecem as pessoas, que provaste isso com o teu suor e algumas lágrimas no dia em que choraste por Nelly Furtado e Ana Moura. Que espécie de película é esta que tem estado no nosso pensamento se é que vale a pena ver isso para que alguma mulher te deseje, que tens alguma coisa a provar da relação entre carne e espírito que deves mais à carne do que ao espírito sendo aquilo que deves ao espírito é infinitamente superior ao que cabe por tua vida inteira. Oxalá tivesses tu a responsabilidade de dizer por igual modo em alta voz aquilo que pregas por palavras, algum espécie de ciência buscas tu no teu discurso que rejeitas o pensamento dos teus professores para logo a seguir juntares teu nome a deles, citando-os sem

saberes que a responsabilidade de os mencionares é também tua e que tudo o que fizeres conta para toda a vida. Uma outra mulher lhe terá dito um dia “faz alguma coisa” não sabendo que aquela era a primeira vez que estava com uma mulher e que em pequeno sempre dormira agarrado a uma comprida almofada que abraçava junto ao seu corpo pondo a perna por cima e que desejavas as mulheres das revistas de moda, que espécie de enfatuamento foi esse o teu, que por instantes te julgava isento de qualidades morais e que espécie de consolação buscas tu que não seja mundana em forma de prémios, cargos e responsabilidades e que espécie de responsabilidade terás tu quando cedo te esquivaste às responsabilidades sociais, buscando longe um sentido para a tua viagem rumando a norte e regressando desnorteado. Que forma de solidariedade terás tu que não seja aquela para com os teus próximos que estão ou estiveram em semelhante condição, pois não conheças nenhuma solidariedade de que está acima de ti na escala social sem que não podes viver sem esse favor. Essa mulher que amaste e que não te deixou a amar por coisas que lhe fizeste no corpo se ainda hoje não estendes outro sentido dessa parte que não seja o natural e necessário excesso para fora devido talvez à força da gravidade. E que não te iludas por não saber a que porta estás batendo, tendo muitas vezes incomodado os que te recebiam a portas diversas em que apresentaste o teu livro pelo qual pediste a tua irmã que te desse ajuda como se do profano e obscuro valesse a pena tirar alguma coisa, que culpa é essa que carregas os outros em seus dias, como se de alguma espécie de salvação ou palavra redentora se tratasse, pois que nunca assim ninguém fez mesmo que escrevendo seus livros como o marquês francês, quando não de livros é feita a humana existência e que chegarias tarde à conclusão que não era sexo o que querias mas de alguma forma uma explicação por que te fazem rabiar e quando chateaste teu pai e mãe com tanta pergunta, quem te manou ser uma criança curiosa quando ninguém te dizia que tu serias sobredotado, quando nada ao teu redor me pareça injusto dizer te condicionava a isso que não fosse

pela força, algo simplesmente genial. Puderas tu, simples homem jovem caminhando para dias mais apaziguadores, falar mais do que escrever, pois que ninguém compreende porque escreves em vez de falar, terás tu receio que te mandem fazer em vez de falar dizendo que só tens garganta.

Consideremos ainda que desejava Jonas libertar-se da escravidão das vozes que iam ter consigo, daquilo que fazia seu e era pertença dos outros, essas considerações flutuantes, flatulantes, excrescências de que não precisava para sobreviver. De algum modo poderá também considerar que procurou toda a emoção para a transmitir pela escrita, sendo que não se sentia preparado para a pintura, ainda que em sonhos de visse a compor melodias. Algumas compôs, as que estarão guardadas no sótão, esse mesmo lugar onde viu um buraco negro e se recusou a entrar nele, desejando ir em missão para longe, para a lusa Atenas que lhe trouxe situações inauditas e embaraçosas. Gostaria de contactar aquele senhor grego, que estaria fazendo ciência política na Inglaterra, gostaria de falar grego para saber como dizer merda em grego que nunca soube. Seja como for, também envolto em merda esteve quando por meses esteve no norte do país, onde fez a visita pascal de hábito, vendo as moças trameiras sorrindo para si e o jovem desapontado a quem a mãe dizia olha para este, sabe o que faz, no entanto frei Borges e frei Guimarães que Deus já deve ter consigo desiludiram-se imensamente com o abandono de Jonas da vida religiosa, quando pensaria o próprio Jonas que teria muito para provar àqueles santos humanos, que nunca se arrependeu de ter conhecido. Gostaria que eles um dia, talvez nos céus encontrando-se em comum, pudessem de alguma forma saber que por imperativos do desejo à flor da pele teria Jonas precisado de se libertar do jugo que tecia contra si mesmo o que significava obedecer aos três votos e gostaria de lhes dizer que não foi capaz de ser santo, pois talvez compreendesse que falhando poderia ilustrar alguém, na medida em que seria provar o bem através do mal, no entanto veio muito mais tarde anos depois provar o sabor amargo da solidão e do abandono por

mor do seu orgulho e que com os maus exemplos as pessoas não aprendem e não tinha de fazer com o seu corpo e sua alma uma espécie qualquer de laboratório ele próprio, dando a conhecer aos outros de graça, ainda mesmo por cima tendo que pagar para que reconhecessem os seus padecimentos. Então portanto, Alfa afastou definitivamente de Jonas, sabendo que ele tinha frequência psicológica e quando assim é ficamos frágeis as pessoas compreendem mas nunca mais se resolve o problema, adia-se *ad nauseam* a resolução do problema, sendo que as pessoas finalmente nos deixam em paz e a doença nos diz faz ainda mais uma vez, agora é última, repete essa humilhação que estás fazendo à tua alma, como pensando e julgando que seria natal quando na realidade era o tempo de satan. Estas várias coisas haviam sucedido com Jonas e não esperava que no futuro viesse um enxurrada de acontecimentos, talvez estivesse uma vez na vida na controlo da situação depois de ter estado esta sem controlo durante vários e suficientes anos ao ponto de ter desejo de perder a esperança e não julgava como a tinha garantido apesar de ter eito mal a si próprio durante anos, pois que outros não se incomodariam tanto com os que se passaria ao se redor, outros reagiriam de imediato contra tamanha afronta na faculdade, pois sim, na faculdade, quando ele vinha de um ano de reclusão e tinha trabalhado nas obras com o pai e o pai trabalhava de sol a sol nos telhados das casas, nas fundações e enchendo placa e não lhe digam que não sabia o que custa, pois que não tendo conquistado uma mulher no seu tempo de estudante que coisa mais frustrante pode haver do que um homem querer e não poder, ter à disposição uma certa mulher com quem podia ter feito vida e a ter ignorado, vindo depois a fazer mal a si próprio, que ofensa maior pode haver a um homem do que querer e não poder, quando mais tarde a primeira vez doem-lhe bastante, não tendo a sinceridade de o confessar à sua primeira dama na cama. Sim, haviam arrancado um pedaço do seu ser, havia ele jogado em desperdício muita da sua energia, alguma tristeza maior do que essa, contínua, frequente, interminável.

Sim, quem teria permitido que lhe acontecesse tal coisa e não jogava isto na cara de ninguém, talvez tivesse sido o seu problema logo de início, mas sabia que a sua desditosa sorte o acompanhava como uma voz que lhe segredava anda, faz mais uma vez, esta é última, viola-te a ti próprio, castiga-te, culpa-te de alguma coisa que alguém haverá que tenha pena de ti e essa pena te consolará e isso mesmo é a ciência, o saber e o conhecimento são a dor que o mundo comporta em seus domínios inesperados. Chegando Jonas a uma situação assim descrita, poderia então dizer a alguém não vás por aí, não te precipites, sim, tinha uma forma de conhecimento que não seria o resultado da reflexão porque tudo punha em causa e daí talvez a sua infelicidade, nos dias actuais também já não tinha a força que tivera em tempos e que desperdiçara, infringindo a si próprio a sua derrota, afinal havia nos outros uma espécie de mal e seria bom acreditar isso pois que encontrar um bode expiatório ajuda e bastante a resolver situações que tais. E se cansadamente terá chegado à conclusão de que perdera essa força desnecessariamente, clamaria onde e a quem de direito lhe desse finalmente um trabalho, ao fim de dez anos já era tempo de começar a ter o seu dinheiro e os seus projectos de vida. Não, não seria tão ingénuo ao ponto de recusar qualquer ajuda ou pensar que dessa via alguém o ajudaria, talvez Jonas quisesse apenas atenção, mas não estaria mais esperando ajudas, teria de agarrar a sorte com as duas mãos, correr para ela como que desesperado com o coração aos pulos dentro do peito. Não, Jonas não teria precisado de todos esses actos de flagelação se se tivesse convencido que era bonito, porque o era e não tinha necessidade de mendigar sexo, que qualquer uma o desejaria conhecer e ele tendo-se esforçado não terá tido por essa via acesso a mais coisas do que se estivesse vendo-as poisar. Seja como for, o problema não eram as mulheres. Teria em todo o caso consideração de algum poder que lhe daria a escrita até então pouca gente se interessara pelas suas palavras, parece que não adiantava ter sempre presente no seu espírito a vontade vingadora de vencer, dado que não

reagira logo de início. Se não reagira logo de início poderia pensar-se que não era Jonas boa gente, se entendermos que quem não se sente não é filho de boa gente? E se o problema de tudo o que o cercava era moral que outra religião senão a cristã personificava a civilização ocidental? Tínhamos muçulmanos, judeus, cristão, animistas. Via com pena Jonas licenciados em psicologia aproveitarem-se do mau estar de muitas pessoas vivendo com isso, não que colocasse em causa a disciplina terapêutica mas porque via os antropólogos ficarem para trás em tudo quanto era sítio e só lhe trazia inconvenientes e discriminação dizer desde logo que o era, porque simplesmente as pessoas não lhe acreditavam, talvez tivesse estado certo pouco tempo e não se importasse ou responsabilizasse pelos outros, seria aí o seu óbice, mas não precisou do ir para fora que teria ido se tivesse condições que muitos têm e palmadinhas nas costas, o que era certo é que estava fazendo o trabalho de psicólogo, sociólogo e antropólogo ainda por cima e não recebia nada por cima, ainda por cima era explorado e desrespeitada a sua mente. Sim, este homem, deitava veneno pelos poros, deitava pus pelas órbitas dos olhos, como um alien que Sigourney Weaver tentava liquidar. Seria uma mosca, um alien, alguém que tudo fizera para suceder e que mesmo assim não consideravam digno de receber um prémio, um salário, um maldito de um emprego. Pois se este homem não era deficiente físico nem mental, não tinha nenhum problema, tendo-lhe diagnosticado vários especialistas males diversos em que se reconhecia, não o haviam ajudado em nada nos tempos da religião, seu pai é que teve de pagar 10 contos por mês no seminário, 25 contos por mês na faculdade no norte. Não, este homem não iria morrer enquanto não conseguisse um emprego, ele sabia que a partir daquele momento não pararia mais de escrever, mesmo que tropeçando na gramática das ideias, não pararia de correr, porque estivera no fundo e voltara com vontade de respirar e que mais se pode dizer deste homem que à sociedade tem merecimentos que a outros atribuem por dá cá aquela palha, mas seja como for, os grandes poetas

e escritores nunca haviam recebido nada, a sua sorte era indigente e enquanto houvesse pessoas em pior condição não teria o oportunismo de se aproveitar das situações, sim, poderia facilmente admitir que seria ingénuo ou tan-tan, que não teria aproveitado as oportunidades que lhe teriam dado, mas agora não podia voltar atrás, tinha agora um motivo mais que plausível para o seu esforço futuro, para correr atrás do prejuízo. Sim, independentemente das suas preocupações o seu mundo movia-se a passo de gigante e nunca antes havia a nossa personagem pensado em tal, que o mundo se movia independentemente do seu pensamento e da sua acção e que não girava em seu redor e causa de si mesmo. Versejando assim estas filosofias, não precisava Jonas de fazer uma tese para demonstrar ao mais simples leitor porque devem os homens que desejam mulheres ter alguma espécie de devoção garantida a seu corpo, que uma mulher também o tem quando assim deseja e que nem só de religião e sexualidade viverá o homem mas também da palavra, essa palavra que o obriga a recuar constantemente, colocando-se em posição desfavorável. Uma espécie rara de egoísmo, pensará o leitor seria esta atitude de exigir justiça para consigo, pois que sabia desde o início que ninguém dá nada a ninguém e que qualquer um está disposto a qualquer momento em dar uma sapatada e um pontapé no traseiro a um antropólogo no centro do emprego de Coimbra, pois deveria Jonas de andar armado, não fosse ele um pacifista mas a coisa estava já a dar pelas barbas, pois todo o tipo de incoerência admitiam esses ditos humano que dizem uma coisa e fazem outra e nunca compreenderão porque é que um homem se arrependeu de ir às mulheres da vida quando nem uma oportunidade lhe davam para viver socialmente e que teve de dar-se por doente para o aceitarem, seus filhos da puta, que lhe levaram o dinheiro todo, o seu e o dos outros, fazendo-o entrar em dívidas indesejáveis, fazendo mal a si próprio quando não tinha necessidade desde o início, porque fosse superior em pensamento e ingénuo em avaliação de suas capacidades, não, não mais agir como dantes, pois que

aprendera no sofrimento como pode um homem ser triste e que nesses momentos não teria a hipótese de ser original, que dizem que a necessidade porfia o intelecto, pois os homens não querem saber de intelecto e está por findar esta defesa do cidadão Jonas que morrerá decerto injustiçado, mas assim sendo, uma espécie de justiça o irá esperar noutra mundo, esse é o problema, não saber o que se passa do outro lado, quem te manou ter curiosidade a mais, podias ter vivido simplesmente, sem ambições de nenhuma espécie, talvez assim tivesses tido atenção por parte dos outros, pois Jonas não se importava que tivessem pela dele, não vivia nem pensava para agradar aos outros, pois o que é certo é que as pessoas gostavam da violência e será que este indivíduo se estaria tornando um criminoso por não ter sido compreendido porque afinal de contas o seu problema não era com o rabo, mas outro de ordem bem mais temível que fosse a imagem que os outros tinham dele, não sendo displicente considerar afinal de contas porque é que Jorge Sampaio teria ido em visita ao Lorvão quando nunca deveriam ter feito sentir a morte tão perto, um deserto de abandono e sentimento, um vazio de sentido que se apodera daqueles que muito acreditam e que não duvidam do sofrimento dos outros. Talvez fosse preciso falar destas coisas para que tudo ficasse na mesma, razão tinha o padre e o sociólogo que lhe diziam em concordância com sua opinião que nós, portugueses, aproveitamos o pior dos países desenvolvidos e não temos em conta as sinergias nativas com que podemos fazer face ao futuro que aí vem. Sim, arrepende-se Jonas de ter passado para o outro lado da fronteira, para um reino de imagens perversas para o que entendia ser uma forma de controlo que associava imediatamente às práticas sexuais. Sim, por ter sido tão honesto com os outros, Jonas havia perdido a confiança das mulheres, se é que alguma vez a teria tido que isto nem Deus agrada a gregos e a troianos e cada um tem a sua razão e usa-a em seu proveito e dos seus e decerto talvez isto seja normal em todo o lado e podia andar com palavras e mais palavras que nunca conseguiria vencer o mal

pela palavra, nada poderia substituir uma emoção, nada substituiria o obscuro, pois ele estava ali, com uma utilidade duvidosa, mas não era desintegrado nem saía do seu lugar na mente das pessoas, muito pelo contrário, por mais estranho que parecesse seria na verdade, uma espécie de cancro benigno, de vício arraigado, de dependência parasítica de que era difícil libertar-se e viver em liberdade. E não muita gente se havia preocupado com essa componente, admitamos considerá-la assim, do pensar e do sentir, pois que era estranho fazermos tão mal a nossa alma ao ponto de a rebaixar corporizando algo que não se materializa que é o sentimento e o afecto. Sim, Jonas não tinha receio de que o impedisse de tentar fazer as coisas, já não queria ser feliz, que lhe haviam tirado toda a possibilidade disso em o desprezando não contando com ele, sairia pois em justiça para si e para sua família que havia alguém secretamente que quisesse que o homem fizesse mal à sua própria mãe e não falemos mais no assunto antes que se faça depender todos os seus actos deste ódio que lhe querem. E a coisa de que nos ocupamos, o mundo de Jonas que ele nunca quis que lhe pertencesse, vai ao ponto de não distinguirmos com olhos de gente o bem do mal, pois que admitimos como válido o que dá no telejornal e ninguém se importa com a verdadeira causa das coisa e Jonas arrepende-se de nada ter feito para conservar a sua razão, devia ter sido mais expedito, devia ter sido muita coisa se ao menos os professores o tivessem cumulado de boas notas coisa que seria escândalo fazer a um indivíduo que vinha do seminário e que trabalhava nas obras, pois que haviam outros como a sua amada que foi para o norte da Europa, e seu colega circunstancial que ficou a dar aulas e sua esposa que já não o era e mais outros, de que perdeu o rasto porque resolver fazer trabalhos de grupo e quatro pessoas sozinho e quem podia aguentar com tanta coisa, porque lhe haviam dito para fazer alguma coisa e porra porque haviam permitido três anos de sofrimento em vão, três anos da vida desperdiçados e de facto só a psicóloga do dito hospital teria compreendido porque um jovem faz sexo com animais porque ninguém

lhe dá valor. Ainda voltando à razão que nos assente ao admitir que teria sido falta de visão de um ser que não tinha nada a provar, que não era feio não tinha de provar nada a ninguém porque poucas são as pessoas que são fisicamente atraentes e que têm valor intelectual. Não, não é a questão da beleza e da sabedoria que aqui levantamos, é a questão de ter em demasia desejado e ter contido o desejo no corpo que estava a rebentar pelas costuras e não nos calaremos enquanto não seja feita justiça através dos canais próprios pois que de um mundo se trata, de um certo mundo que não é atribuível a Jonas mas o envolve e o faz subsistir.

Não muitos lugares damos conta neste relato, mas aqueles que a nossa personagem conheceu nos seus dias, persistindo em contar aos outros o fruto da sua imaginação, o fruto dos seus padecimentos de alma. Por vezes, Jonas revoltava-se de ver outros homens com mulheres atraentes, porque face a isso a pobreza e desgraça dos outros incomodava-o. A vida não tinha a dimensão que lhe conferia a televisão e o cinema, naquela altura Jonas tinha a certeza de estar vivendo uma vida particularmente sua, em toda a sua solidão e tristeza. Sim, decerto não havia aproveitado as oportunidades da vida ou talvez quisesse demasiado, afinal havia jovens com habilitações bem mais próximos do mercado de trabalho e que se encontravam desempregados. Bastava um relance pelo caderno de emprego do jornal para ver quão desajustado estava da realidade do mercado de trabalho. Aquela quase certeza de se encontrar desajustado da realidade fazia-o perder a calma, coisa que deveria ter tido logo no início. Agora estava tudo em contagem decrescente, não esperava viver depois dos 30 as coisas que não tinha vivido até então. De repente, a ideia de ser jovem e estar gozando a vida, sem responsabilidades, sem pressas, parecia-lhe algo muito distante. Talvez estivesse envelhecendo precocemente, no entanto, tudo se poderia resumir a uma questão económica: não podia mais suportar ter de viver com o dinheiro que não era seu, talvez um dia tivesse de pedir a alguém para viver mais mas naquela altura não tinha vontade de viver.

Na verdade, pressentia quão frágil é ser-se humano, ao sabor do vento, quão difícil é fazermos tudo bem, quão distante é a felicidade, quão provisória. Na verdade, aquele compromisso que tinha consigo próprio de não poder enlouquecer estava gerando uma tensão enorme dentro de si, acabando com ele aos poucos, fazendo-o morrer aos poucos. A pouco e pouco também, qualquer tipo de felicidade era proibida, qualquer sentimento de segurança ou relativo bem-estar era como que uma falta que tínhamos em relação aos outros. Também a escrita se assemelhava a uma qualquer tarefa subversiva. Seria preciso dizer todas as palavras certas para levar o leitor a comprar o volume. Não podia o autor ter alguma veleidade de impor o seu ponto de vista. A escrita não era já uma forma de liberdade e sublimação mas uma fonte de discórdia que se anulava a si mesma. Ainda assim, restava-nos a liberdade de pensar, de falar. Mas também essas liberdades a pouco e pouco se cerceavam. Que tipo de sociedade teremos daqui a décadas, quando for proibido fumar, quando essa forma de liberdade estranha não puder ser exercida? Não faço a mínima ideia, como não faço como teria sido no passado. Mesmo no presente, desconfio que saiba alguma coisa dos outros. Os amigos, pois. Não se compram com dinheiro, simplesmente não se compram. Sim, vivemos na escuridão de uma cela, onde fumar é uma forma de liberdade estranha, que anuncia o abismo, a frustração. Quando dermos de caras com aquilo que poderíamos ter feito, vamos querer fazer regredir o filme da nossa vida. Então será tarde demais e só pediremos que nos deixem morrer em paz. Acabar-se-á a tensão ou a utilidade da escrita. A pouco e pouco, Jonas começava a compreender o quão vãs eram os seus desejos: dormir com uma mulher, ter emprego, ser feliz com alguém, ser importante para alguém. Tudo isso parecia tão distante quanto uma meta de uma corrida que nunca acaba. Não, Jonas sabia que fumar não era forma nenhuma de liberdade, mas um aprisionamento do desejo. Algo mais seria preciso fazer. Afinal de contas, este texto está sendo escrito e o que aqui se diz ainda não foi vivido, está sendo

imaginado. A personagem que todos conhecemos pelo nome de Jonas existe realmente, só que ainda não viveu tudo isto que se passa acima descrito, talvez nem seja bom pensar que alguma veracidade esteja patente nesta personagem e que haja alguma semelhança entre o que aqui se diz e o que a personagem realmente vive ou poderá viver. Talvez não seja legítimo. Com que autoridade ousamos falar da vida de alguém que ainda não viveu a sua vida? Que vida imaginada é esta que nos faz rabiar de um lado para o outro da consciência, procurando alguma forma de conhecimento entre os livros diversos de ficção e de ciência social? No final de contas, o autor nada ganha em se dar a conhecer, nada ganha para o presente, a sua tarefa é clandestina. Muitos caem na esparrela. Poucos são os que sabem usar e subverter a seu favor esta arma que é a palavra. Entretanto, o dia começava a nascer. Jonas havia ido a Lisboa, onde tinha conhecido uma outra personagem. O dia entrava pela porta principal da sala. Jonas pedia a Deus que lhe deixasse ver muitas manhãs como aquela, em que os seus pensamentos eram nada mais do que isso, simples pensamentos. Talvez nunca devesse ter estado em dívida para com as palavras. Talvez mais simples fora nunca as ter abandonado a si próprias, sem ninguém para as juntar umas às outras, como pedaços de algodão doce que comemos numa feira de diversões. Agora, a tarefa que a princípio não deveria ser complicada, ficava mais difícil com o passar do tempo. Seja como for, Jonas estava dependente dos seus pensamentos, assim existia no tempo, e estava muito vulnerável a qualquer palavra que ouvisse, viesse donde viesse. Aparentemente, nada punha em causa, talvez devesse ter tido mais sangue frio quando foi a hora de se afirmar. Seja como for, agora não valia a pena regressar, olhar para trás. Quando corremos sentimos muitas vezes tentação de olhar para trás, de forma a ver os nossos adversários próximos, mas não era este o caso, desta forma não valia a pena olhar para trás, como Eneias, para trás ficava o inferno. Entretanto, o que ficara do dia anterior? Bebera bastante água em pouco espaço de tempo, em poucas horas bebera mais de

dois litros de água. E andara, andara à toa pela cidade, sem um pensamento certo, talvez um sentido de justiça e vingança por qualquer coisa. Talvez amanhã conseguisse pensar de outra forma. Talvez estivesse pouco habituado a conseguir alguma coisa para si próprio que não admitisse dar-se a si próprio uma oportunidade e procurasse explicações para tudo e mais alguma coisa. Talvez certas coisas existissem por si próprias e não tivessem necessidade de ser explicadas, por uma razão que desconhecia. Sim, poderias argumentar, estas coisas acontecem a quem se importa, talvez os outros não mereçam a tua honestidade e preocupação, talvez não valha mesmo a pena preocupares-te, que não importa que consigas alguma coisa, afinal não é nada admirável insistires que não tens emprego, é que mesmo que a confusão que lanças ao ar tenha sentido, ninguém lhe dá o sentido que tem, eu sei, é difícil ser-se assim, não compreendido, talvez só mesmo o teu terapeuta te compreenda, e dizes porque é que olham para mim assim, como se eu fosse estranho, como se eu tivesse em vez de uma cabeça, dois braços e duas pernas, qualquer coisa de estranho, alienígena, e dizes a ti próprio que não vale a pena escrever e está tudo perdido, acabou, acabem comigo, que me roubaram tudo o que tinha mas conseguiram fazer-me sentir tão mal ao ponto de dizer e acreditar não em Deus mas na circunstância de me terem roubado a alegria de viver. E repetes para contigo mesmo que não há volta a dar, que desta vez é que te estendeste, não encontras o fio à meada, e dizes e repetes que não compraste a revista que havia no supermercado porque não publicam nada teu, sim, têm-te excluído por alguma razão palpável e quanto mais te afastas de uma coisa que viveste outrora, mais é a tua dor e isto não é mero bluff, para Jonas é real. Não vale a pena fazeres a arqueologia de mais uma crise, que poderá ter vindo para ficar, não agora não acreditas em nada, vês os ouros a rezar e não entendes porquê, aquilo já não te faz sentido, já não acreditas em nada e dizes para contigo mesmo tiraram-me também a fé, a fé e mim mesmo, conseguiram humilhar-me ao ponto de deixar de acreditar em mim mesmo e dirias se fosses escritor

como os outros, que vai daí devesse esperar mais um tempo para seres publicado, ter alguma paciência, anular as emoções, talvez tenhas um mau entendimento do que seja comunicar com os outros, afinal não é só o teu pai que tem um problema de comunicação, tu também tens um problema. Mas vês os outros rindo, falando de suas vidas como se fosse normal alguém falar da sua vida e pensas, diacho, agora é que estraguei tudo, agora nem mulher nem emprego, nem nada, agora só o deserto de sentimentos áridos, a sede, a amargura. E sentes-te sozinho, choras em frente da tua mãe que te implora que fales e sentes-te mesmo assim sozinho, as duas pessoas que sempre te valeram não conseguem com que tu deixes de te sentir sozinho e pensas para contigo mesmo estou acabado, agora é que não há volta a dar. Mesmo assim pensas como é que alguém pode andar tanto tempo assim sem amar, que espécie de doença tem que não é mal de amor, pois não consegue amar de modo algum, que dor é essas que lhe esquecem os sentimentos e ainda assim perguntas onde é que eu errei. Quando tudo parece voltar à normalidade, perguntas-te como é que certas ideias ocupam a tua cabeça durante horas, quando pretendias ter inspiração para escrever uma história e pensas, como hei-de eu escrever uma história interessante se só penso em sexo, que tenho a cabeça programada para pensar em sexo e mais sexo e então nunca te fartas pois às tantas consideras-te doente da cabeça por pensar somente em mulheres. Mas pensas estou num daqueles dias, não vale a pena pensar muito, melhor seria que não tivesse aberto a caixa de pandora, agora o diabo anda à solta na minha cabeça, como é que isto se vai ultrapassar. A maior parte do tempo estás sozinho, pensando na vida que poderias ter se o passado tivesse sido diferente e julgas que podes modificar a tua perspectiva sobre o passado e quanto mais olhas para trás vês as coisas emendadas umas nas outras como uma manta de retalhos de que não consegues distinguir o padrão. E imaginas-te casado, com mulher e filhos, com um bom emprego, quando não podes fazer nada contra a situação actual, o melhor é deixar cair, estás numa

circunstância em que quanto mais te preocupas pior é. Seja como for, voltemos à nossa história. Jonas havia passado alguns dias relativamente bem do espírito. Fora a Lisboa numa segunda-feira e por lá havia andado bastante. No segundo dia foi à Amadora reencontrar uma amiga e seu filho pequeno, conversaram bastante, mas Jonas não ficou convencido de que estava diante da sua futura mulher. Evitou a seu contento as invectivas que ela lhe fazia, mas Jonas simplesmente não estava a gostar da situação de ter uma criança a seu encargo para já. De modo que Jonas regressou a casa, na aldeia e tudo lhe pareceu estranho quando foi a Leiria e de repente as coisas começaram a levantar poeira na sua cabeça e andou pelas ruas falando consigo mesmo, tendo acabado o dia exausto de tanto pensar, no entanto não valia a pena dar mais voltas na cabeça, falou bastante alto naquele autocarro até que por fim chegou a casa e foi fazer um pouco de jogging. No dia seguinte, foi até Coimbra, para mais uma sessão de terapia. Já antes da sessão estava um pouco irritadiço e depois, quando acabou a sessão e apanhou o comboio que o levaria de regresso a casa, ficou mesmo transtornado. Não compreendia como é que a sua cabeça podia estar tão descontrolada. Deu pontapés num caixote de lixo da estação de comboios, era difícil lembrar o que tinha sentido, foi como se a sua mente quisesse e tivesse efectivamente levantado voo. No comboio veio de pé, falando alto ele apercebia-se de tudo, mas não podia controlar-se. Chegou a casa e banhado em lágrimas diante da sua mãe lhe disse que se sentia mal, que se havia sentido mal, que insultara pessoas, que a vida não tinha sentido para ele, que lhe haviam tirado a alegria de viver. No entanto, a noite passou e tudo amainou. Era Domingo. Jonas tinha a visita de sua irmã e de seu cunhado, com o pequeno de que não falámos ainda, mas que fazia as delícias de todos lá em casa. Jonas gostava de pensar no seu sobrinho como sendo o futuro materializado e se não viesse a ter filhos, talvez encontrasse nos seus sobrinhos a alegria de viver que disse havia perdido. Naquele dia não fez jogging, sabia que tinha toda a semana para se treinar para

a prova de 15 mil metros dali a duas semanas que se realizaria em Riachos. E é assim em 2006 que terminamos a nossa narrativa sobre Jonas, num estado em que ele prometia a si mesmo que iria modificar a sua conduta de forma a ter mais tempo livre para ler, escrever e até pensar. Até ali, a sua vida encontrava-se encostada a um canto, imóvel, muda, plena de emoções esguias e estéreis. Ao longo dos anos, havia recorrido a certos artifícios da mente para explicar o seu desejo de se encontrar com os membros do sexo oposto. A sua sexualidade poucas vezes tivera o duplo sentido. Este aspecto da sua conduta queria modificar, dedicando-se mais a projectar futuras hipotéticas relações de modo a cimentá-las na sua vida, em vez de alimentar relações virtuais com quem nem sequer conhecia e que podia conhecer fugazmente, não tendo essas relações a solidez que desejava. Podia ser que a sua perspectiva de vida se alterasse. Podia ser que depois de tantos anos de solidão encontrasse alguém importante para si finalmente um dia destes. O facto de não estar iludido quanto a este respeito ajudava-o a viver melhor. Não podia mudar o seu passado, mas podia mudar a sua ideia acerca do passado. Afinal de contas, o mais importante não era ele ou o seu destino, mas o modo como ele se ligava ao destino dos outros. Não, a trama não acaba ainda aqui. Jonas tem tempo para pensar que a sua amada de infância nunca chegará, não adianta ficar à espera dessa mulher, que se foi desvanecendo através dos anos. Começou por ser idealizada bem cedo, por volta dos doze anos. Começou por ter óculos, então Jonas não a quis porque tinha os óculos imensamente graduados. Mais tarde, na faculdade, viria a encontrá-la num curso de gestão, mas nunca se aproximou dela o suficiente para ficar pensando que seria seu pretendente. Depois, aos 14 anos, Graciete era o seu amor, mas cedo com o medo e a timidez Jonas se refugiou na religião e só acordou 4 anos depois. Quando acordou, aos 18 anos, teve hipótese de conhecer melhor uma colega de turma, mas adiou o conhecimento sexual para a faculdade, embora naquelas mesmas férias tivesse, como se há-de dizer isto, se masturbado com a ajuda de um

gato. Na faculdade não teve namorada. A primeira vez que fez amor com uma moça foi depois de ter terminado a faculdade. Era uma colega de outro curso, mas não quis dar-se a Jonas porque segundo disse já conhecia outra pessoa, um professor. De modo que todo esse tempo o passou na mais escura solidão. Teve um namoro fugaz com uma aspirante a advogada, que lhe deu um ultimato de fazer noivado. Jonas ainda não pensava em ser pai nem constituir família. Mais tarde, depois de ter passado anos em Lisboa sem que alguma coisa acontecesse de relevante ao nível sentimental, Jonas regressou a casa dos pais. Vivia numa casa em anexo à deles, numa vida clandestina, anónima, sem grandes amigos. Ansiava muito ter essa mulher, ao fim de tantos anos de espera. Dizia-lhe o seu terapeuta que se não teve uma boa relação com uma mulher foi porque não estava preparado, ou que não tinha de acontecer. Mas porra, como é que nos preparamos para amar? Amar não é algo que se vive sem condições, sem que tenhamos de estabelecer um preço às nossas relações? O que é amar? Jonas sentia-se triste depois de, mais uma vez, ter cedido à tentação e ter pago a uma mulher para fazer sexo consigo. Teve até ao último momento quase arrependido do que ia fazer, mas como podia fazer, estava farto de se masturbar, era verdadeiramente frustrante não ter alguém com quem falar. Talvez se Jonas fosse famoso, conhecido, se tivesse sido um académico bem sucedido, se tivesse uma empresa lucrativa, se tivesse um bom emprego, talvez se tivesse condições teria então essa companhia. Mas o tempo passava e Jonas vivia cada vez mais ansioso porque na verdade estava já perdendo a esperança de encontrar a sua alma gémea. Na verdade, Jonas era um indivíduo tímido, mas isso não explicava o que nos importa aqui, porque é que Jonas não tinha uma mulher, uma companhia certa? Naquele dia viu a sua vida correr diante dos seus olhos, simplesmente não valia a pena estar mais tempo iludido, essa mulher não iria aparecer nunca, por mais que procurasse. Naquela tarde, Jonas estava particularmente enervado por não ter conhecido essa mulher no passado. Revia na sua mente as colegas de faculdade e não

compreendia porque é que não tinha ele, que não tinha feito mal a ninguém, porque não tinha ele direito a ser feliz. Sim, porque sozinho não se sentia completo, realizado. Na verdade, o facto de não ter emprego já não o preocupava. Mas como é que podia arranjar alguém se não tinha emprego? É preciso ter emprego para conhecermos alguém? Naquele dia estava deitando fumo pelos ouvidos, estava particularmente nervoso. Tinha uma consulta de psiquiatria às 17 horas. Se fosse ao médico talvez acalmasse, mas sabia que no dia seguinte teria de ver pornografia para satisfazer a sua curiosidade. Aguentou até perto da hora, andando na rua de um lado para o outro. Viu alguma pornografia no espaço de internet da cidade. Teve de sair a meio do tempo, não aguentava mais, andou de um lado para o outro e finalmente entrou num café, o Nicola, onde comprou um maço de cigarros e bebeu uma Seven Up. Entrou noutra café, estava resolvido a gastar o dinheiro que tinha. Anulou a consulta e entrou noutra café, onde folheou o jornal e anotou um número de telefone. Momentos antes havia, à saída da biblioteca, telefonado para uma contadora de histórias que fazia formação em escrita criativa. Como se ela não atendesse, desistiu, caminhando mais um pouco na rua. Dali a minutos, a escritora telefonou. Falaram por instantes, ela ficou com o contacto de Jonas. Mas era tarde demais, Jonas estava decidido a gastar o dinheiro. Pensava que se ia arrepender, mas o desejo de estar com alguém, por pouco tempo que fosse, era incomodativo como um vício da qual não conseguimos libertar-nos. Pensou ao mesmo tempo como era injusto estar naquela situação. Tinha alguma necessidade daquilo, um jovem, que por diversas razões não tinha emprego, que não tinha vida social, um mero anónimo, tinha alguma razão ele, que se licenciara com alguma distinção, que tinha potencial para dar muito à sociedade, mas que acontecia estar no local errado, à hora errada, sem companhia? De modo que foi. E quando saiu suava imenso, como se tivesse uma torneira deitando água do seu corpo. Pronto, estava feito. Tinha ido. Sentado, bebendo uma Seven Up num café, ali estava

ele, no fim do mundo, mais uma vez sozinho. Foi até à estação, onde havia um café, entrou, pediu um descafeinado, fumou dois cigarros, ele que não fumava em interiores, fumou dois cigarros seguidos. Sentia-se vazio. Dali a instantes, o seu irmão telefonou. Queria saber como estava e se estava preparando uma prova de atletismo que teriam dali a quinze dias, em Riachos. Está tudo bem, achou que não devia contar nada ao irmão, achou quando tomou o comboio, que não podia contar nada a sua irmã. Pensou como era injusto usar o dinheiro da irmã, que tanto o tinha ajudado até então, para seu bel-prazer. Pensou inclusive que seria injusto gastar aquele dinheiro assim, primeiro porque deveria ter ido a médico, depois porque o dinheiro que a sua irmã lhe dava era dinheiro que era tirado ao seu pequeno sobrinho. Para já não falar de que o dinheiro dava suficientemente para comprar uma prenda para o seu sobrinho. A mãe de Jonas fizera anos no dia anterior, num domingo. De modo que não lhe ofereceu nada. Esqueceu-se até de lhe dar os parabéns, como é que é possível alguém que vive sob o mesmo tecto se esquecer que a mãe faz anos. Jonas não queria pensar na mãe, não queria pensar na irmã, nem nos sobrinhos, longe ou perto. Achou para se reconfortar que o sobrinho, se soubesse e compreendesse como ele precisava de sentir um corpo, que certamente não se importaria. Mas isso eram suposições, o sobrinho não sabia nem podia saber o que se passava. Jonas sabia que quando chegasse a casa não iria ter coragem para olhar o seu sobrinho nos olhos e lhe fazer carinhos, pegá-lo ao colo. Nada disso aconteceu. Chegou, e logo saiu para o treino. Para a sua irmã, ele tinha ido ao médico. Mas como podia ser Jonas tão mau para consigo mesmo? Como podia dar tantos tiros no pé? Acaso merecia ela estar naquela situação? Perguntas sem resposta. Não tinha ele procurado trabalhar, estudar, não tinha ele uma casa onde podia viver com alguém, não tinha tido ele chances de vingar, de ter a sua independência? Porque é que escolhera aquele destino e porque vivia ele uma vida vazia e sem sentido? Estava longe de ser o Jonas

que os amigos e conhecidos haviam privado, longe de ser aquele seminarista, aquele estudante de antropologia, aquele eterno candidato a uma vida feliz? Acaso a sua família merecia que Jonas lhe fizesse continuamente aquilo? Mas Jonas não procurou explicações, sabia que se não tivesse ido, algo muito pior podia ter acontecido, que estava muito ansioso e revoltado. Não, Jonas jamais iria ter uma vida pública consideravelmente importante, nem isso o preocupava. Revoltava-o ver outros com suas mulheres e aparentemente julgar que eles tinham poder, dinheiro, e que ocupavam cargos que Jonas julgava estarem ao seu alcance. Não, não iria entrar na câmara da cidade e fazer um pé-de-vento, não iria entrar no jornal e fazer um pé-de-vento. Talvez os seus contemporâneos não merecessem a sua preocupação, mas o certo é que Jonas estava perdendo, para todos os efeitos. Os cargos já não lhe importavam, nunca lhe haviam importando, o que Jonas queria era o tutano da vida. Procurara isso toda a sua vida. Além do mais, reconhecendo a sua necessidade de sexo, talvez fosse mais honesto assim. As mulheres dali simplesmente não o mereciam, pronto. Só podia pensar assim, não havia mulheres interessantes nem em Riachos nem em Coimbra, nem em Leiria. Ou então ele não estava frequentando os canais próprios. Por quanto tempo iria tolerar tal injustiça? Não, não podia aspirar encontrar uma mulher suficientemente interessante que também gostasse de sexo. Isso era pedir demasiado. Por outro lado, não estava interessado em manter uma relação com alguém simplesmente para ter sexo, mas também não queria estar com alguém que lhe fizesse perder tempo com coisas demasiado literárias ou infantis. Numa palavra, queria conhecer uma mulher com quem se pudesse conversar e com quem se pudesse dormir. Jonas dava voltas e mais voltas à sua cabeça, não compreendia o é que as mulheres daqueles lugares pensavam da vida, que tipo de homem gostariam de conhecer. Cada vez mais a sua ideia acerca das mulheres se estava tornando feia, cada vez mais feia a sua imagem das mulheres. Elas seriam alguém sem escrúpulos, que só queriam ter homens

que trabalhassem o suficiente para se sentirem confortáveis economicamente, quanto ao sentimento logo se veria. O idealismo de Jonas, o platonismo de Jonas, sofria naqueles dias um sério revés. O que faziam naqueles dias as mulheres de tão importante que não podia uma só estar com ele, viver com ele? O que faziam elas de tão importante que não queriam um homem simples, voluntarioso e ainda com projectos para o futuro, para viver uma vida a dois? Simplesmente, não podia saber e julgando que nenhuma queria estar com ele, depreendia que todas seriam igualmente interesseiras e oportunistas. Era essa a ideia que tinha das mulheres. No entanto, aquela história estava longe de ter terminado. Jonas ainda tinha algum dinheiro e com ele algum desejo de voltar àquela casa. O seu espírito estava ocupado com pormenores obscenos. Jonas tinha de ser sincero para consigo mesmo. Tinha de encontrar um trabalho e esquecer definitivamente as suas expectativas quanto às mulheres. Elas não mereciam. A partir desse dia, Jonas deixou de sentir qualquer emoção relativamente às mulheres. A partir daquele dia estava definitivamente em linha descendente de expectativas face à vida. Anos de espera haviam-no tornado insensível. Talvez somente ele ainda tinha alguma esperança de tudo se alterar, de tudo se tornar como por artes mágicas, diferente para melhor. Ao fim de tanto tempo de consultas com médicos, depois de aos 24 anos ter sofrido o que sofreu no Lorvão e em épocas diversas de toma de medicamentos e crise nervosas e depressões atrás de depressões, Jonas sentia-se um ser humano jogado na valeta. Seria fácil a partir daquela altura pensar-se como um indivíduo que simplesmente passara para o outro lado, que já não estava presente. Na verdade, há muito tempo que isso acontecera. Foi logo no segundo ano da faculdade, talvez tivesse sido antes até, aos 14-15 anos ou aos 18. Jonas deixara de ser especial. Podemos pensar que alguém se foi esquecendo dele? Ou ele não tinha fé suficiente para esperar, para persistir? Ou ele mesmo se foi esquecendo de si próprio com o passar dos anos? E que importava agora tecer explicações ou especular? A

vida era uma grande merda. Não havia gente neste mundo. Só a sua mãe, preocupada em fazer-lhe a cama, se importava realmente com ele. Ninguém sabia o que se estava a passar realmente com Jonas. Nada o podia confortar. Chorou amargamente nessa noite. Não arrependido, pois sabia muito bem o que tinha feito, mas revoltado, porque sua mãe não merecia o que estava fazendo, sua família não merecia. A pouco e pouco, embora estando a viver sob o mesmo espaço, Jonas ia deixando de ser especial e tornava-se num monstro, num ser que só queria saciar os seus instintos. Longe estavam os tempos de estudante, longe estava O ingénuo Jonas. Desculpem, Jonas não conseguira ficar ingénuo para sempre, talvez isso não importasse para nada. Os homens não choravam naqueles tempos. Mas Jonas chorava. E talvez fosse um homem forte. Talvez não fosse assim tão insensível. Talvez os homens fortes chorassem também. Talvez não houvesse nenhuma mulher interessada em conhecer um homem com sentimentos, desejos, expectativas, com uma visão tão ingénuo da vida e das pessoas. Sim, talvez Jonas se estivesse extinguindo como um fogo. Pensava também Jonas como havia desiludido o seu pai, como o estava desiludindo. Mas já naquela altura não se falavam, de que servia alimentar expectativas quanto a isso? Seja como for, a vida de Jonas havia-se transformado num laboratório de emoções e em nada o jovem Jonas lucrava com isso. Outros procuravam na arte a realização dos seus desejos, outros na ciência o prestígio que lhes granjeava admiração face aos outros, Jonas sentia-se passar ao lado de tudo isso, de todos esses recursos, e sem lucro algum. Alguém havia brincado seriamente com a sua vida, com as suas emoções. Normalmente, Jonas teria reagido violentamente logo aos 14 ou aos 18 anos. Mas tal não aconteceu e isso permitiu que mais gente se usasse dos seus sentimentos. E que dizer das mulheres com quem ele se encontrava sexualmente? Não teria sido também elas, mulheres que haviam sonhado com uma vida a dois e que, por diversos motivos não haviam conseguido? Será que as mulheres que estavam naquela vida não queriam ter

um homem? Talvez tivessem ou sonhavam ter, pensava Jonas. Jonas pensava numa particularmente, de quem haviam sabido que era de uma localidade próxima. Depois de se ter encontrado com ela, veio a vê-la algum tempo depois na Amadora mas pareceu-lhe que ela o reconheceu. Jonas quis falar com ela, mas ela nunca mais apareceu no local onde fora vista por ele. Sim, nem todos temos a vida com que sempre sonhámos. Haveria de haver outras pessoas que, como Jonas, um dia haviam sido crianças e haviam tido sonhos. Paulatinamente, Jonas deixava de pensar que era diferente de todos os outros, que a desgraça também lhe podia bater à porta. Quanto ao que escrevia, Jonas decidiu parar, parar de escrever, por um acaso somos testemunhas disso, decidiu que as palavras que inventava não tinham agora qualquer importância, mesmo olhando aos valores da consciência. Se alguma coisa devia fazer era calar-se. Calar-se e viver, pois à sua volta todos estavam fartos de o ouvir, as suas reivindicações, o valor do que escrevia quando não tinha a quem mostrar os seus originais e aqueles a quem mostrava não lhe diziam nada. Sim, achava desnecessário continuar a acreditar nas palavras. Podia finalmente alimentar a esperança de se dedicar a outra arte, porventura menos conceptual do que as palavras, não se trata de saber qual delas será mais difícil ou mais fácil no aspecto criativo. Pintura ou música. Não, ninguém como Jonas esperaria tanto tempo para ver a sua obra publicada. De certa maneira, as suas palavras eram tão gratuitas que o leitor ficaria sem palavras, talvez um autor como Jonas não deixasse espaço para a imaginação do leitor, talvez fosse sufocante. Não bastava a Jonas que um dia fizessem jus à sua obra, ele queria ser como os outros. Quantos autores tiveram de esperar pela morte para serem publicados. Muito poucos, segundo se sabe. Talvez aquele escritor pouco conhecido que lhe dita escrito quando esteve para avançar com a editora fosse um deles, um desses corredores de fundo, pois havia escrito 35 romances se ter ainda nada publicado. É preciso ter algo de verdadeiramente importante para dizer. De certo modo, era essa a esperança que Jonas alimentava face ao que escrevia.

Mas naqueles dias chuvosos, Jonas permanecia em Riachos, não podia ir para longe, o mais longe que podia ir seria Lisboa. Mas ainda estamos para saber o que sobriaria de um escritor como Jonas depois de ter visto o obscuro e violência gratuita insistentemente, como se se quisesse castigar ou então como se alguém insistisse em mostrar como o mundo ou algumas pessoas estavam desgovernado. Se aquilo se passasse somente com ele, podia ficar descansado, um dia destes iria implodir, não faria mal a ninguém, seria incinerado e nestas coisas de brincar com o nosso momento final, seria reduzido a pó. De modo que Jonas achava uma injustiça não se lembrar alguém dele, da sua falta de trabalho. Contudo, o próprio homem puxava as coisas ainda mais para baixo, como se quisesse provar alguma coisa de significativo com a sua própria humilhação. Era patético, como um dia uma tal lhe havia dito? O que se passava é que enquanto autor, Jonas não tinha nada a provar. O que escrevera até meia-idade era suficientemente importante para se dar algum valor. Não, Jonas não tinha uma particular atracção pelo abismo nem este escrito todavia pretende ocupar-se somente da tarefa de traçar o perfil psicológico de Jonas. Talvez estejamos ajudando demasiado o leitor, abusando da sua inteligência, talvez mesmo o que se escreve seja sempre uma ofensa ao que sabemos. Aí chegados, a literatura deixa de ter importância. Aí começamos a viver e a tolerar o mal que nos é mostrado, não se trata de uma confissão de pecados, parece ser assim mesmo. Assim nos parece que Jonas não teria necessidade de correr a certos artifícios ou verdades ou mesmo gratuidades, para afirmar a sua escrita. Qualquer leitor diria que seria somente uma questão de tempo. Contudo, essa esperança de vir a ser publicado embatia com a convicção de ser demasiado honesto. Ou patético, filha de uma puta. Se queremos testar os limites da sanidade do autor, poderemos dizer que este estava de algum modo interessado em ver o estado da sua mente depois de ver o obscuro, que outra coisa que poderíamos chamar. Sim, como é que a mente de um escritor fica depois de tanto ver, ouvir. Um qualquer voyeur ficaria deliciado com o que

era mostrado. Na verdade, o próprio personagem era pouco atreito a convivências. Talvez estivesse dizendo “deixai-me trabalhar que daqui a anos vereis o resultado”. Não, ninguém faria isso, ninguém esperaria tanto tempo. Como qualquer pessoa normal, Jonas tinha necessidade de reconhecimento, quem era ele para julgar as pessoas que o liam. Simplesmente esse dia não estava na sua mente, ele sabia que os seus escritos tinham um valor relativo, talvez viessem a interessar aos seus sobrinhos, a quem os pudesse ler depois da sua partida para o outro mundo. Na verdade, o autor desafiava a sua própria inteligência e sanidade a todo o momento, mas havia limites, achava ele, que a minha cabeça não é nenhum laboratório. Claro que se interessava por coisa do desejo como qualquer mortal. Toda a sua vida havia sido uma relação de evitamento e simultânea atracção pelas coisas sexuais. Um qualquer escritor não daria importância tão elevada à questão. Seja como for, havia perdido a razão e não se dava conta disso. Mais tarde talvez houvesse necessidade de confessar um pecado ou fazer uma catarse.

Como contactar o autor:

cientistaemcrise@gmail.com

Facebook: Oficina do Saber

Twitter: #VictorMota9

<http://virtualfazfavor.blogspot.com>

<http://registrodeideias.blogspot.com>

Nome do ficheiro: Mundo Imaginado
Directório: C:\Users\Vitor Mota\Desktop
Modelo: C:\Users\Vitor
Mota\AppData\Roaming\Microsoft\Modelos\Normal.dotm
Título: A VIDA IMAGINADA
Assunto:
Autor: XP
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 20-12-2006 09:21:00
Número da alteração: 33
Guardado pela última vez em: 08-06-2013 14:14:00
Guardado pela última vez por: Vitor Mota
Tempo total de edição: 49 Minutos
Última impressão: 08-06-2013 14:14:00
Como a última impressão completa
Número de páginas: 93
Número de palavras: 32.115
Número de caracteres: 154.176 (aprox.)